

# EXPEDIÇÃO AO TIBETE

com música na bagagem

\* Inclui CD com interpretação sonora da viagem  
do Padre Jesuíta António de Andrade e o moço  
Domingos de Macau ao Tibete no século XVII

Joaquim Correia



# EXPEDIÇÃO AO TIBETE

com música na bagagem

\* Inclui CD com interpretação sonora da viagem do  
Padre Jesuíta António de Andrade e o moço Domingos  
de Macau ao Tibete no século XVII

Joaquim Correia

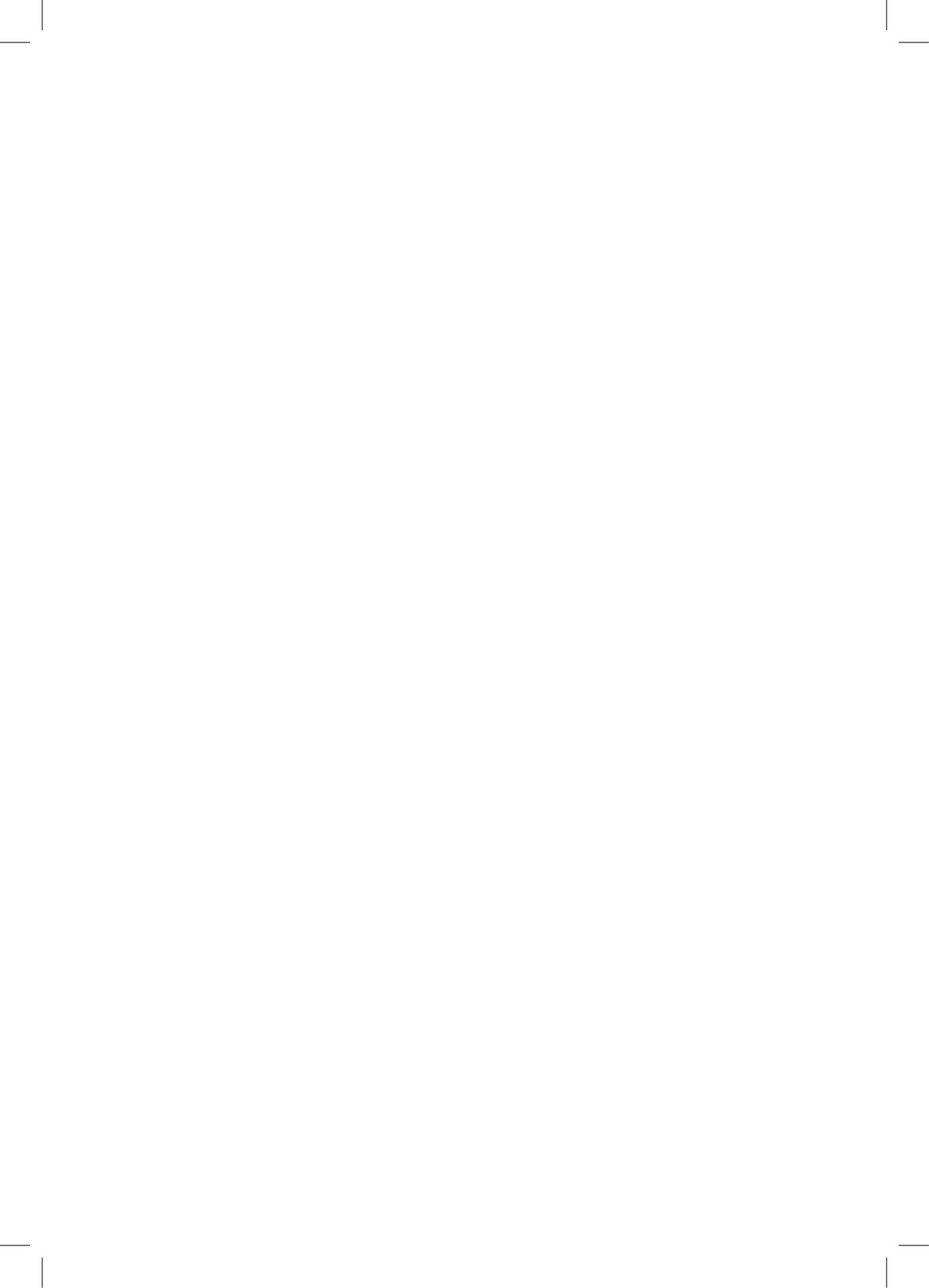
Título: Expedição ao Tibete - Com música na bagagem  
Autor: Joaquim Correia  
Encadernação: Guide Artes Gráficas  
Design editorial: Francisca Lopes  
Revisão de texto: Aníbal Mesquita Borges  
Edição portuguesa preparada por Misago: Fevereiro 2020  
Messenger @misagolivrosediscos ISBN:  
978-989-33-0332-0

obs.

Esta publicação não pode ser reproduzida, total ou parcialmente, sem a autorização prévia do editor. Todos os direitos reservados

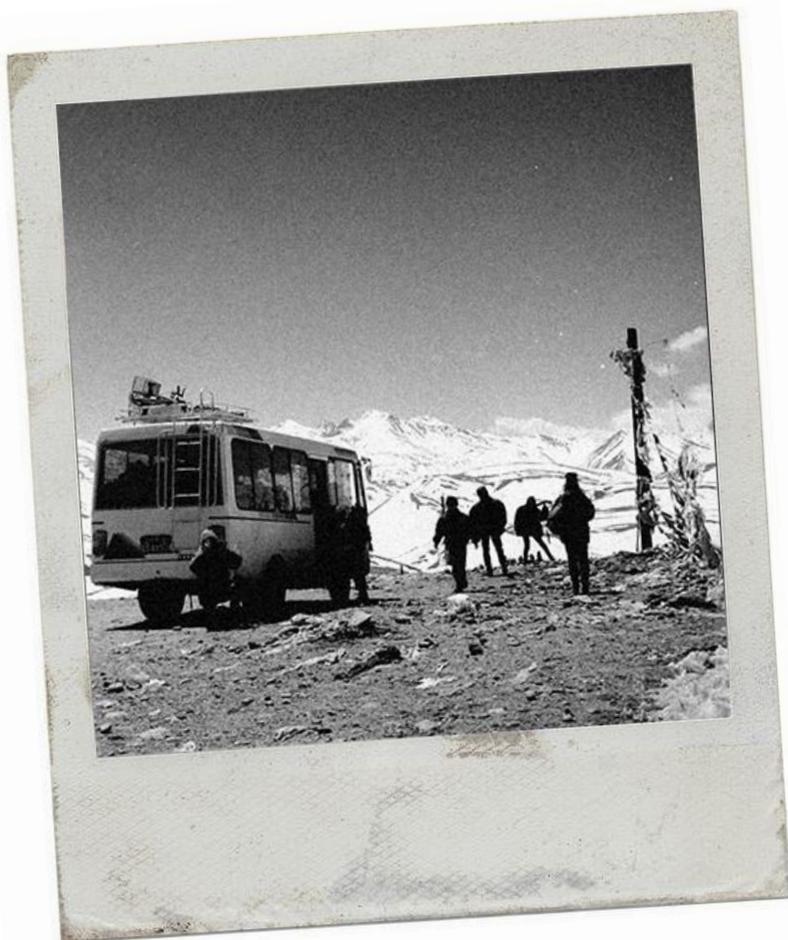
1ª edição - Fevereiro, 2020  
Guide Artes Gráficas — Rua Heróis de Chaimite, 14  
Odivelas, Portugal

*Para quem busca sons do passado, ansiando por  
descobrir novos ritmos e melodias*



## *Índice*

Nota introdutória	7
Capítulo 1 - Macau	11
Capítulo 2 - Kathmandu	29
Capítulo 3 - Voando para Lhasa	43
Capítulo 4 - Lhasa	55
Capítulo 5 - Através dos Himalaias	65
Capítulo 6 - A entrega do Libreto	81
Epílogo	86
Anexo - Libreto de Domingos de Macau	93
Interpretação actualizada do Libreto de Domingos de Macau e outras músicas	103
Ficha técnica	118



Himalaias, Tibete, 1996

### *Nota introdutória*

*António de Andrade representa, literalmente, o ponto mais alto dos descobrimentos portugueses: ele foi o primeiro europeu a chegar ao Tibete, o Tecto do Mundo, há quase 400 anos. Aquele missionário jesuíta foi, também, o último dos grandes viajantes portugueses dos séculos XVI e XVII.*

*Luís de Albuquerque, historiador*

Um grupo de amigos residente em Macau decide visitar o Tibete, atravessando de camioneta os Himalaias até Lhasa, com partida de Kathmandu no Nepal. O que parecia uma mera jornada turística escondia percalços e mesmo perigos imprevistos! Quem nos acompanhou na viagem e outros possíveis leitores destas páginas merecem uma explicação, que surge agora em forma de conto.

Tudo começou já lá vão mais de 400 anos, fruto do sonho de um musicólogo corajoso, fascinado com sons, melodias e ritmos de outras culturas!

Domingos de Macau, moço criado do Padre Jesuíta António de Andrade e de outros aventureiros da terra e do mar, compõe melodias que acompanham a maravilhosa e perigosa caminhada para o Tibete, com partida de Goa e passagem pelo Hindustão, nos alvares do século XVII. Perdidos nas andanças das descobertas, essas composições são acidentalmente recuperados por Rui Gouveia, investigador que preparava um texto sobre “Estética Orfeica em Camilo Pessanha” na Biblioteca do Leal Senado em Macau.

Consciente da preciosidade do documento, o inves-  
Joaquim Correia

tigador sabe que o seu amigo tibetano, monge num mosteiro no Tibete, poderia assim cumprir o sonho de criar uma orquestra juvenil, seguindo o modelo de El Sistema venezuelano! Encontrou quem em segredo empreendesse a tarefa de lhe fazer chegar o manuscrito, longe da cobiça e do lucro, mas nem tudo correu como esperava...

Os meus companheiros que me perdoem, mas só agora posso contar o que realmente se passou há vinte anos, nessa nossa expedição ao Tecto do Mundo. Enten-



Documento cristão de 1592, do tempo da terrível perseguição no Japão, com a inscrição Kirishitan shi (morte aos cristãos). derão, finalmente, muito do que parecia sem sentido... se é que algum entendimento existe nesta estranha narração, veja-se o seu inesperado Epílogo!

É essa a história que agora vão conhecer.

No final destas páginas incluímos cópia do referido Libreto de Domingos de Macau e na contracapa repousa

8

um CD que interpreta, actualiza e encena musicalmente o documento, produzido pelo pianista e produtor Enzo D'Aversa (que conheci através do Beto Kalulu), a que adaptámos e juntámos alguns temas que ouvíamos na camioneta, durante a travessia dos Himalaias.

Para além do bom gosto e aturada pesquisa musical do Enzo, outros músicos colaboraram e tornaram o projecto possível, totalmente gravado no estúdio Goodie Goodie do guitarrista Zé Pino (meu amigo de Luanda já lá vão mais de 50 anos e que, evidentemente, também aqui faz ouvir o seu inconfundível som) - ver Ficha Técnica do disco.

Foram várias sessões de uma rotina em que tudo parecia simples: passava por casa do Enzo na Parede, tomávamos o pequeno almoço no café Bem Estar e seguíamos para o estúdio na Godigana, onde o Zé Pino nos esperava com a sua cativante tribo, a Lili desejosa de ser acariciada na barriga e a Laurinha pronta a escapular-se pelo portão entre latidos do Bolinhas, da Coco Chanel e da Camila, enquanto o Kiko, cansado pelos quinze anos de vida, com esforço acompanhava as correrias. Era evidente a ternura com que o Zé brincava com todos, mas Kiko recebia especial atenção e carinho. Seguiam-se horas onde da direcção do maestro Enzo surgiram imagens sonoras que se destinam a enfeitar esta viagem, com a preciosa cumplicidade do guitarrista e a minha admiração pela competência de ambos.

Acabado o trabalho e quando preparávamos a publicação do livro com o disco no seu interior (como se de uma imensa capa de LP se tratasse), recebi uma carta

Joaquim Correia

de certa editora discográfica japonesa, informando que tiveram conhecimento desta nossa edição e que avisavam ter todos os direitos sobre a obra. Alguns dias depois chegou-me email de endereço desconhecido, com a imagem dum documento cristão de 1592, do tempo da terrível perseguição no Japão, com a inscrição Kirishitan shi (morte aos cristãos). Lembrei-me então que com frequência reparámos estacionar um carro alugado com dois passageiros japoneses perto do estúdio Goodie Goodie, que ocupa parte da casa do Zé Pino e da Maria João. Já nem quero encontrar ligação com a inesperada doença articular do Kiko, que acabou por partir durante as gravações após pungente acidente, que tanto abateu psicologicamente o Zé Pino!

Quem tiver paciência para ler estas páginas, descobrirá que não foi grande a minha surpresa ao receber estes avisos.

Nada nos vai impedir de divulgar o nosso trabalho!

Um último agradecimento ao Anibal Mesquita Borges pela criteriosa revisão do texto e à Francisca Lopes que, com tanta sensibilidade e arte, ilustrou o que descrevemos.

## *Capítulo 1* — **Macau**





*Escrevem vários autores que,  
junto da clara fonte do Ganges,  
os moradores vivem do cheiro  
das flores que nascem naquele  
monte.*

*Se os sentidos podem dar  
mantimento ao viver, não é,  
logo, d' espantar, se estes  
vivem de cheirar, que viv' eu  
só de vos ver.*

Luis de Camões, Cantiga “Querendo escrever um dia”, poema invocado por Francisco Azevedo na carta ao Provincial de Goa em 1631, relatando a sua jornada de Goa para Agra e o Tibete.

## I.

Estávamos num local estranho, perdido no meio da Ásia. Eu sei, estranho é um conceito gasto, podemos encontrar outro, talvez paradoxal ou até bizarro!

Escolha o leitor: era uma ilha onde ao virar da esquina da esplanada e enquanto saboreávamos caril de caranguejo, estava preso Dente Partido Koi, alto elemento da Seita chinesa 14K; a poucos metros uma pastelaria vendia pasteis de nata; levantando o olhar da mesa deparava-se um colorido templo budista, bem perto duma pequena igreja onde se guardava o dedo grande do pé do jesuíta São Francisco Xavier, relíquia arrancada à dentada por crente mais fervorosa!

Se juntarmos que nessa ilha de pouco mais de 7 km<sup>2</sup> a água da praia era tão escura que um nadador, em pelo dia, só se apercebeu do cadáver que dera à costa ao nele embater, e que na minúscula aldeia de Ka Hó viviam cerca de 100

leprosos, definam o espaço onde esta história começa da forma que preferirem. Para nós era um privilégio aquela sensação de estar longe num território singular, assistindo à natural transição de um abraço entre culturas que em breve se tornaria mais ideográfico e menos alfabético.

Em princípios do século passado Coloane era terra de piratas que se escondiam em grutas só deles conhecidas, na encosta oposta aos estaleiros perto das casas de palafitas com vista para a Ilha da Montanha. Normalmente, após uma breve passagem pelos juncos e sampanas que nasciam em Veng Lok, todos seguíamos para a esplanada Ngatim, onde os petiscos facilmente se digeriam entre comentários diversos, sempre com novas viagens pelo meio. O Vasco andava de bicicleta ou passeava o Dudu num carrinho de madeira, o tempo passava quente e húmido, desprendido mas intenso.

A hipótese surgiu como que por acaso - alguns já conheciam as praias e a pobreza religiosa das Filipinas, as maravilhas das florestas e montanhas do Bornéu, o contraditório caldo entre passado e presente do Japão. Seria agora altura de algo diferente, “que batesse doutra forma” - não foi difícil cimentar a ideia da Friendship Highway, 800 km entre o Nepal e Lhasa subindo até aos 5000 metros, onde apenas se respira 68% do oxigénio necessário.

De meia idade desmentida pela genica, a Zélia estava sempre pronta, existisse dinheiro e férias, cartão de crédito sempre no bolso. A Rute já tinha idade e “pica” para nos acompanhar, autorizando a companhia do garboso e simpático Pedro. Na Fernanda venceu o espírito rebelde e a Rosa estava sedenta de aventuras. Eu tinha uma missão a cumprir!

## II.

Eram longas e interessantes as conversas com o Professor António Baptista, jovem de espírito e aparência mais que de idade, contou-me dos seus estudos no seminário e das “temíveis aulas de latim”, ambos reflectíamos sobre o dia a dia na universidade, em Macau e na Ásia. Eu simpatizava com a sua abordagem erudita e aberta ao desconhecido, ele gostava de me ouvir contar histórias de viajantes. Nesse dia confidenciou-me que teria de se deslocar por terra ao Tibete a partir de Kathmandu e que contava com a minha ajuda na preparação da viagem e durante o trajecto. Na rota, escolhida para evitar riscos inerentes aos 3500 metros de altitude em Lhasa, estaria incluído o mosteiro de Tashilhunpo em Xigaze... o ideal seria arranjar mais dois ou três “peregrinos” que nos acompanhassem, mas sem saberem da nossa missão.



Padre António de Andrade nasceu em Oleiros em 1581

Prometeu-me uma surpresa que compensaria o meu apoio, mas antes “peço-lhe que me acompanhe ao Porto Interior, onde iremos conhecer um pouco mais sobre o que nos espera. Preciso de si para me sentir mais seguro...”

Já caía a tarde, em frente ao Hotel Lisboa o riquechó deslizou pedalado por um velho que jurou ainda dar umas “passas de ópio”, desconfiei ser pago pelo turismo para assim espantar o turista que espantado transformava adrenalina em boa gorjeta! A noite continuava quente e húmida, sabia a neon envolvido por odores milenares.

A ponte em feitio de dragão reflectia as luzes no Rio das Pérolas, onde as águas continuavam barrentas e escuras mas que em alguns fins de tarde criavam uma luminosidade acinzentada, oferecendo à travessia diária de Padre Teixeira uma magia inesquecível.

Comemos fumegante tao foo frito na rua e no Largo do Leal Senado e, encarando-me misteriosamente, o professor proclamou que nessa noite “iríamos à casa por onde, quem sabe, também terá passado essa figura mítica aureolada de poeta maldito, espécie de Rimbaud, conhecido opiómano tocado pelas asas do génio”, lembrando Pessanha. Passou-me para as mãos um pequeno papel de seda preenchido com traço fino e seguro, onde se esboçava um mapa em leque da zona do Porto Interior e se realçavam caracteres chineses algures entre o Beco do Chá e a Travessa dos Alfaiates.

Depois de vencermos vãos de escada onde o cabelo roçava em fios eléctricos soltos, discreta porta abriu-se e deparámos com um jovem a quem mostrámos o texto em chinês. Encolhendo os ombros, pediu-nos para entrar num espaço exíguo mas limpo, decorado a vermelho escuro, para onde

abriam diversas portas de correr. Pairava uma bruma quente e húmida, conquanto acolhedora, amálgama de fumo castanho e resinoso com intenso vapor de água, possivelmente proveniente de banhos quentes. Indicou-nos dois confortáveis cadeirões onde duas jovens chinesas nos vieram oferecer chá, servido em salvas doiradas que condiziam com os bordados das cabaias rasgadas por graciosas aberturas laterais.

- *“Estou a sentir-me esquisito, leve como nunca me sentira antes”*, balbuciei enquanto sorvia um chá cujo intenso aroma se somava ao resto...

Passados alguns minutos o jovem surgiu acompanhado dum velho muito magro envolto numa toalha azul, com uma mão atrás das costas, que retirou após ler o texto que lhe mostrei, entregando ao professor um envelope de pele que transpirava como nós, *“mas sabe, o que está dentro continua imaculado, a protecção é mais que apenas terrestre”*, explicou no tom confiante e brincalhão do patuá macaense.

Gradualmente, cá fora, o aroma acre que impregnava os nossos corpos foi sendo capturado pela já conhecida humidade pastosa e pesada, que apenas abrandava ao receber fresca aragem do ar condicionado das lojas abertas àquela hora.

Numa conversa esquisita, mística, miscelânea de teologias budista e cristã, meu companheiro adianta que a empresa teria a ver com o verdadeiro “paraíso perdido”, o Shangri-la!

*“Não ria, não é do inventado por James Hilton no livro Horizonte Perdido, mas do real, a descrição original e que terá inspirado o autor!, falava baixo, encostando-se a mim e tapando as palavras com a mão. “Sabia que há quase 400*

*anos o padre jesuíta António de Andrade foi o primeiro europeu a chegar ao Tecto do Mundo, talvez o ponto mais alto dos descobrimentos portugueses (achei graça ao jogo de palavras)? Munido de um mapa desenhado pelo jesuíta Francisco Martins, na corte do Rei Mogol Aquebar, onde “a sabedoria da humanidade seria preservada para nos salvar da autodestruição”, encontrou cidades e outros lugares misteriosos que serviram de inspiração ao livro de Hilton editado em 1933 e quatro anos depois ao filme de Frank Capra!”*

Mais tarde, na biblioteca da universidade, descobri como fantástica fora a epopeia de António de Andrade, também ele buscando ousadias e cristandades escondidas, tentando conseguir o que antes não passava de um mito não confirmado: o reino habitado por cristãos, perdido algures para Oriente, cercado por infieis, designado por Preste João (que todavia se situaria na Etiópia) ou do Gran Catayo !

Poderia ter sido Marco Polo o pioneiro europeu no pisar de solo tibetano, mas não foi. Nas suas viagens em finais do século XIII passou lá perto mas não alcançou o Tibete. Em 1603, o mercador Diogo de Almeida afirmou ter vivido no Tibete durante dois anos, mas a narrativa que apresentou sobre a existência de igrejas cristãs, com imagens de Cristo, da Virgem Maria e dos Apóstolos, não corresponde à verdade: certamente ouvira detalhadas descrições dos templos budistas do Tibete, assim como da existência de numerosos monges, e interpretou-as à sua maneira. Também Bento de Goes tentou atingir o Tibete a partir da Índia, mas teve de desistir, dadas as enormes dificuldades com que deparou.

António de Andrade nascera em Oleiros em 1581 e em 1590 torna-se noviço da Companhia de Jesus, criada em Paris por Inácio de Loyola em 1534, partindo em seguida para Goa. Após ter completado os estudos no Colégio de São Paulo, recebeu as ordens sagradas e foi enviado para a missão do Rei Aquebar em Agra no Hindustão, onde aprendeu a língua persa.

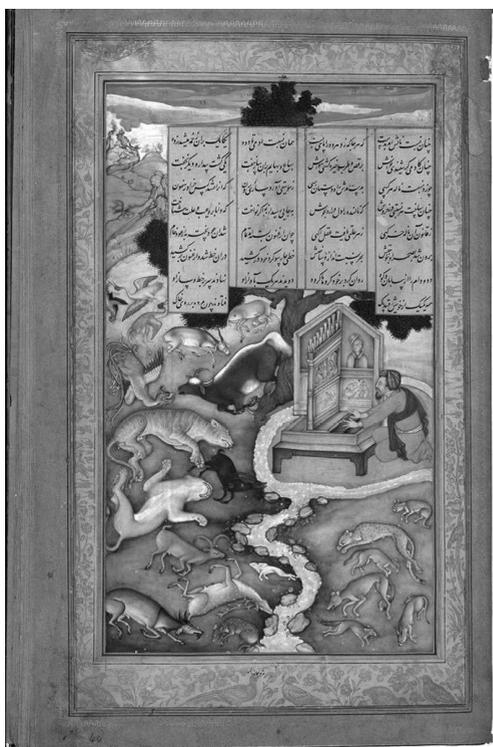
Encontrei esta detalhada descrição do Rei Aquebar, parece que se encontra à nossa frente:

O Equebar he homem bem apessoado, espaldudo, zambro das pernas, de cor trigueiro, os olhos rasgados e pequenos a modo de tartaro, ou chim, a testa larga e descoberta, o nariz igual, com huma esquina pequena no osso do meio, as ventas largas, tem huma verruga na venta esquerda, traz a cabeça hum pouco inclinada a mão direita, traz a barba a turquesca, toda rapada, tirando os bigodes, os quais traz pouco crescidos, e aparado, traz grenha fora do costume dos antepassados, sera de 38 até 40 annos, usa de touqua, ao costume do Hindustão, veste riqua e lust raquelmente, e fora do costume comum dos mouros, sempre traz a cabaia pollos joelhos, e os calções que lhe cobrem os calcanhares, usa de diversa forma de çapatos, que ele mesmo inventou, orna a cabeça com ramaes de pérolas e pedras de muito preço, traz sempre adaga cingida, e muitas vezes espada e, quando não, tem na sempre perto de sy, ao redor d'elle andão sempre certos pagens, que lhe trazem sempre diversas armas, contenta lhe muyto o trajo espanhol, e algumas vezes se veste dentro a portugueza, veste e calça veludo preto muytas vezes. He sagaz, prudente, de grande animo, valeroso em sua pessoa, chão, e tratavel, porem grave nas execuções da justiça que manda fazer, manda que espere tres manda- dos, ou recados seus antes que a fação, agasta se poucas vezes, e essas muito, porém torna tão bem depressa, por- que naturalmente he benigno...

Não sabe ler, nem escrever, mas he muy curioso e sempre tem homens letrados a par de sy, a quem manda que disputem entre sy de diversas matérias, e contem diversas historias...

He naturalmente malenconizado, e por esta causa se entretem com diversos desenfadamentos, em hum mesmo tempo, como he jugar a choca a cavalo, ver pelejar ali- fantes bravos, búfalos, veados, gallos e carneiros, lutado- res, esgrimidores, jogo de punhadas, fazer voar pombas que bailhão no ar, ver diversidade de passaros, e outras cousas curiosas...

Equebar Rey dos Mogores, possivelmente descrito pelo padre jesuita italiano Rodolfo Aquaviva, em finais do Século XVI



Orgão - “Chego ao Hindustão e pasmo com esplendor desta terra de tantas culturas, onde se debatem ideias e se aceita a novidade”. Na imagem: orgão levado de Goa para a Corte do Rei Aquebar, onde Plato toca rodeado de estranhos animais, cerce de 1570

A 30 de Março de 1624, já como Superior da Missão do Mogol, deixa Agra em direcção a Deli e disfarçado de mogor junta-se a um grande número de peregrinos hindus que rumavam para um fabuloso templo que dava pelo nome de Badir (Badrinath), situado a quarenta dias em passo rápido de Deli, na região montanhosa do norte da Índia.

Esperando atingir o Tibete após alcançar este templo, António de Andrade, conjuntamente com o irmão Manuel Marques e dois moços criados, um deles de nome Domingos de Macau (que já o acompanharia desde Goa), retomaram o seu caminho, conduzidos pelos “gentios”. Em Tsaparang, já nos Himalaias, identifica Shambala, mito do budismo tibetano: reino oculto algures na cordilheira do Himalaia ou na Ásia central, próximo da Sibéria, já mencionado no Kalachakra Tantra e nos textos da cultura Zhang Zhung, que antecedeu o Budismo no Tibete ocidental.

Diz a tradição que para lá dos Hymalayas existe um reino secreto, oculto entre altas serras nevadas. No seu centro existe uma maravilhosa montanha de cristal, a que chamam Rainha de Shambala. Aqui as pessoas vivem em pás e harmonia, não há fome nem doenças, vivem felizes e são quase eternas. A missão dos governantes é preservar todo o conhecimento humano, assim preparando o tempo que chegará, quando o mundo for assolado pela guerra, a violência e a cobiça. Naturalmente há quem diga que Shambala é uma terra imaginária, mas outros dizem que é um local real, que se pode encontrar... mas só quem a procura sabe onde procurar!

*Tantra do Grande Circulo da Vida*

António de Andrade escreveu quatro cartas, onde pormenorizou o que viu e ouviu aos superiores em Goa.

Foram mais dificuldades que maravilhas, mas a partir do seu relato, muito difundido no Ocidente, talvez até com laudos exagerados por parte dos jesuítas para assim engrandecer a ordem e os portugueses por nacionalismo, a verdade é que desde aí se multiplicaram no ocidente seitas espiritualistas com livros interpretando o paraíso terreno, por vezes acrescentando bruxarias e outros ocultismos.

Mas o que seria que estava naquela bolsa de pele que não fosse mais que conhecido a partir das cartas e textos posteriores? Se o Shangri-la era essencialmente uma invenção budista e depois retomada e adaptada pelos cristãos, que “verdadeiro Shangri-la” mereceria tal comportamento por parte do professor universitário?

### III.

*“Lembro-me dum serão em que nos juntámos para ver os slides da nossa visita à Índia. Tenho sempre tão presente o porto interior, a tal esplanada e o calor húmido e sufocante... não sei porquê, mas vejo-me a comer na esplanada e dos aquários à porta!”, referiu Zélia em sms da sua casa no Algarve, durante a preparação destas páginas. “Foi nesse restaurante - ou casa de pasto, como por lá se dizia - que combinámos o percurso, talvez ideia do João Costa que penso já conhecia o Tibete” .*

Cada um de nós arranjou o seu guia, sendo o preferido o Lonely Planet.

A Rosa já tinha vivido em Macau, aparecendo agora de coração selvagem, procurava terra onde se sentisse livre, algo a impelia para lugares onde grandes aves dominavam.

Espalhava salero em gargalhadas que inspiravam confiança e alegria. Vinha desgostosa das Filipinas, detestou, pobreza e insegurança a mais para além de outras complicações, precisava de respirar, “*a Rute falou-me de vocês, estou aí, passa-me o arroz*”.

Jantávamos num restaurante do Porto Interior, onde se massajam os dedos dos pés e o ar abafa com emanções de *chao min* fervilhante. Nas imensas mesas redondas que nos cercavam celebrava-se o aniversário da Associação dos Chineses com o Nome de Leong, têm associações para tudo, algumas com fortes ligações a outro tipo de colectividades, bem mais duvidosas. A banda convidada para actuar no final do repasto interpretava uma composição de pop chinês melodioso, preparando a audiência para o *tôc tôc tchéang*, forma divertida como se designa a ópera popular chinesa, onde a onomatopeia representa o som do bater na madeira de um instrumento de percussão, amparando a voz estridente e repetitiva de uma cantora.

A Fernanda tilintava com os faichis no copo, mãos pequenas e esguias, “*vamos assentar ideias antes do Chapô-m-chipôm ou não ouvimos nada*”, acessorava no Departamento de Estatísticas mas também estava ligada, como eu e a Zélia, às lides livrescas. Vivia perto dos Tim-Tins e adorava vasculhar entre porcelanas pretensamente Ming cheias de pó, papeis coloridos que extravasam de pequenas taças azuis para sopa de fitas e muitos outros tesourinhos que se encavalitam nas prateleiras. Um velho radio transmite ópera chinesa, perante olhar distante do proprietário da loja, que em camisa interior e calções afasta o calor abanando pequeno leque de sândalo.

Antecipávamos o que nos esperava, exagerando na brincadeira para assustar a Rute nos seus 20 anos, será que ela deve mesmo vir connosco, perguntava-se a Zélia.

Falta falar do Pedro, personagem bem conhecida em Macau ou não fosse professor de ténis, no Clube Militar, de mais de metade dos miúdos da comunidade portuguesa e macaense. Talvez dado a excessos “californianos” com muito *Light my Fire*, amigo do seu amigo, estava sempre disponível para assumir privações, a Rute que o diga quando, no voo de regresso, ele se ofereceu para ficar em Kathmandu na vez dela, pois não constava da lista de embarque para Macau... permaneceu três dias em Kathmandu entre peripécias que em seu tempo contaremos!

*“É verdade! Foi uma cena complicada, essa romagem ao Tibete, até na partida para Hong Kong foi mesmo à rasquinha, quando alcancei a sala de embarque em Kai Yak estavam vocês a entrar para o avião, eu a correr arrastando o saco, quase tropecei na Fernanda que também se desequilibrara mochila às costas (e em Coloane também, nos estaleiros dos juncos de pesca, de bicicleta) MILAGRE! MILAGRE! exclamou o Prof. Ao ver-me chegar e anotou no seu caderninho!”, lembra o Pedro enquanto o 2 Cheveaux subia a Serra de Sintra, um casal de franceses no banco de trás, “My friend, everything ok! ... e tudo porque o Gerald do*

*Clube Militar não percebera que eu não ia faltar ao torneio já programado, as datas tinham sido alteradas, convenci-o no Clube Militar, até me arranjou helicóptero para HK mas o vento era muito, acabou por pagar classe VIP no Jet Foil!”*

**Nota do narrador:** a Fernanda afirma: “o trambolhão que dei foi, se bem me lembro, a correr para o avião, na pista de Kathmandu (voo Kathmandu - Lhasa). Aliás foi o que me valeu, há males que vêm por bem, pois quando chegámos a Lhasa eu tinha de andar mais devagar do que vocês (como gozavam comigo!) e assim não fiquei tão mal disposta com a altitude. Depois andei durante vários dias no Tibet com os joelhos besuntados com Balsamo de Tigre e Pak Fah (White Flower) e embrulhados em meias bem de lã grossa por causa do frio e das dores”.

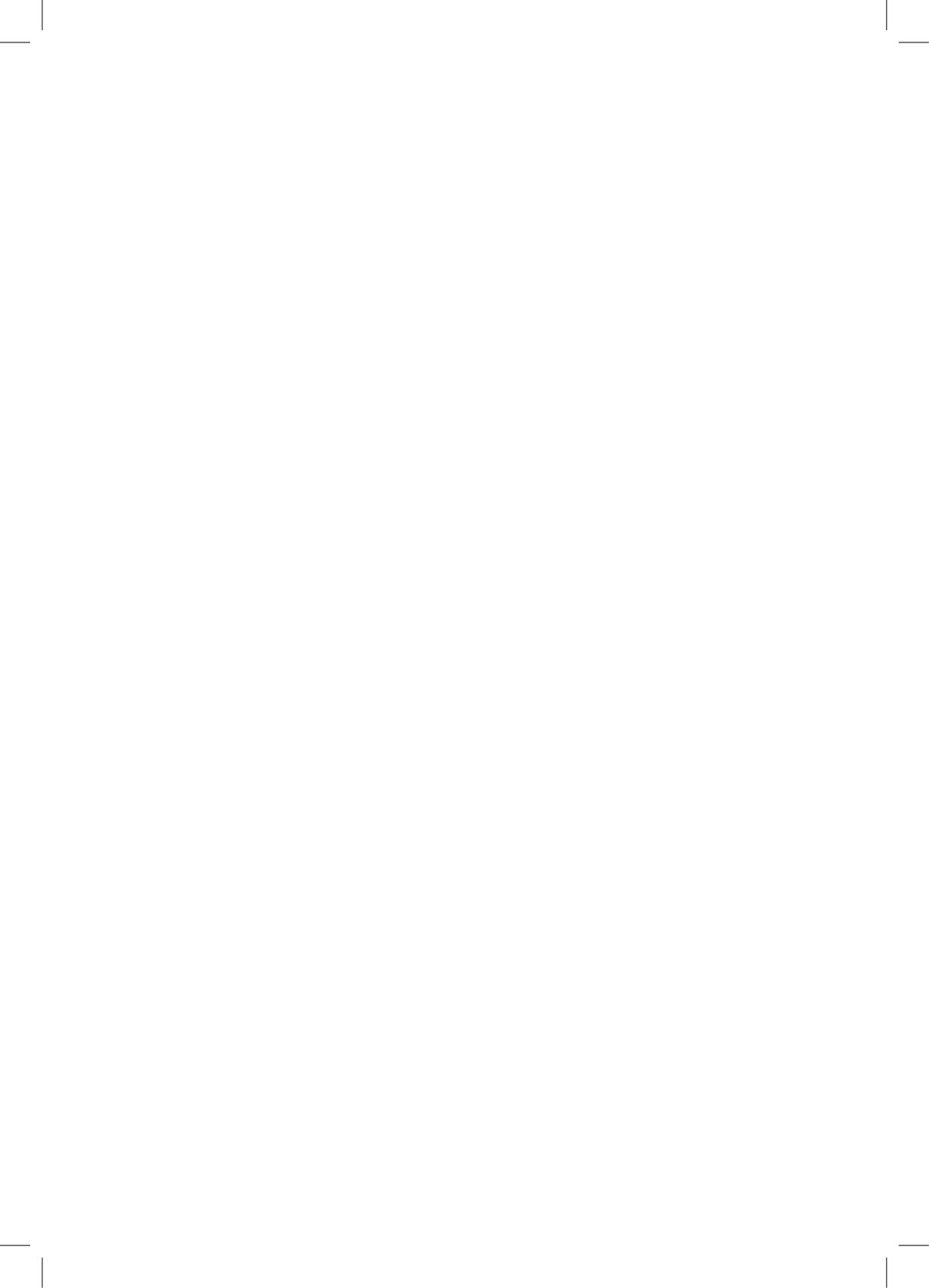


Azulejos - Apesar de o Concílio de Trento considerar “popular e impuro” o espírito frequentemente presente nas missas baseadas em cantus firmus e textos profanos, uma vez que

*“Todas as coisas, deverão, na verdade, ser ordenadas por forma a que as missas (...) cheguem tranquilamente aos ouvidos e aos corações dos que as escutam, quando tudo é executado com a clareza e ritmo certo. (...), deverá também banir-se da Igreja qualquer música que contenha, quer no canto, quer no órgão, coisas que sejam lascivas ou impuras, (...)”*

A verdade é que, como escreve o Professor Victor Serrão, “os *Padres da Companhia de Jesus* cedo compreenderam essa força que advém do discurso das artes – desde a *arquitectura* às *imagens pintadas* – e souberam *corporalizar e renovar esse discurso em todos os seus espaços de missão pelo mundo*”, onde incluiremos a música.

O azulejo do claustro da Graça de Torres Vedras, realizados por Mestre P.M.P., cerca de 1725, refere-se à Goa de D. frei Aleixo de Meneses e representa jesuítas e músicos.







O voo demorou quatro horas, de um lado o excêntrico Botão do outro as neves eternas do Everest, eu lia “A Viagem ao Mundo da Droga”, o Pedro “O Rei Verde”, os outros conferiam itinerários... António meditava, olhos fechados, mãos compostas uma sobre a outra, respiração compassada e profunda. Por fim começámos a furar as nuvens, de início campos verdes cortados por ribeiros e estradas terrosas, telhados brilhando ao sol como em rebanho, agora a imagem de alguns prédios confunde-se com estruturas sagradas, cinzentas, na cidade velha os templos vão cobrindo o écran feito escotilha do avião, finalmente a pista com estopas ao fundo.

Recebe-me a atmosfera intensa das cidades asiáticas, fervilhando de cores e gente a pé ou em motas e bicicletas, tuk tuks e carroças, automóveis ou decrepitos autocarros! Mas aqui o barulho e a balbúrdia entram em cena de forma menos sufocante, ou não estivéssemos a mais de 1000 metros de altitude, descortinam-se ao longe os mais elevados picos dos Himalaias!

Como não podia deixar de ser, hospedámo-nos na Kathmandu Guest House (KGH), 20 dollars cheios de história: fundada em 1968, consta que logo em 1969 George Harrison, proveniente de Rishikesie no norte da Índia, terá passado uns dias a absorver a magia da capital do então Reino do Nepal, chegando possivelmente a tripar com Cat Stevens, Jimmy Hendrix, e outros.... O certo é que se conhecem canções destes hippies famosos onde se refere a magia de Kathmandu, existindo inclusive um espaço que assinala a passagem dos Beatles pelo pequeno hotel. Verdade ou não, o certo é que a cidade pertencia ao roteiro do chamado Hippie Trail, que levava jovens sonhadores europeus até Instambul,

Teerão, Kabul e Delhi, podendo aqui seguir para Goa (ver “A Última Dança em Goa”), Bangkok ou Kathmandu, procurando o paraíso incrustado a Oriente.

Corria o ano de 1996 e nessa altura já se dispensavam visitantes de pé descalço, as histórias de orgias e overdoses descritos por Charles Duchaussois já tinham criado fama negativa suficiente, os nepaleses ansiavam por turistas e não por viajantes, semelhante ao que também se passava em Goa. Veja-se este bosquejo do Cabin Restaurant, um dos restaurantes mais frequentados em 1970:

Naquela altura era o restaurante da moda, o ponto de reunião dos hippies, todas as noites. Encontra-se na cidade velha, no fim de uma pequena ruela muito sombria. É preciso saber que está ali. No interior: um compartimento comprido com a caixa à esquerda. As paredes são negras (só muito mais tarde é que ficarão cobertas de pinturas psicadélicas). De cada lado, três mesas de mármore e ao fundo dois pilares com duas arcadas. Ao lado, um pátio interior com retretes imundas onde é necessário uma vela. Segue-se uma cozinha tão suja que é preciso nunca lá ir, pois de outro modo não se consegue engolir seja o que for. O patrão está continuamente stoned, com os olhos injectados. Porque fuma com toda a gente, além do shilomm que prepara para si. É o maior vendedor de haxixe; maior até, julgo eu, que os gouvènements-shops, os armazéns oficiais.

Outra razão do sucesso do Cabin Restaurant: toca-se ali música europeia, e à noite os drogados vêm ali sonhar, ouvindo os Beatles ou os Rolling Stones.

Além dos hippies, vêm turistas. É a maior atracção de Kathmandu, muito mais famosa que os templos.

Viagem ao Mundo da Droga, Charles Duchaussois

No jardim da KGH, afastado da zona mais movimentada do bairro onde tudo se vende de Thame, ainda se comentavam as recentes manifestações de ajuntamentos maoístas que

continuaram a criar forte instabilidade até 2006, após a tomada do poder pelo autoritário rei Gyanendra.

Cerca de 17.000 pessoas viriam a morrer nessa guerra, que convergiu para um novo processo democrático com uma Assembleia Constituinte. A monarquia foi abolida em 2008 e a Assembleia Constituinte redigiu a Constituição de 2015. No entanto, a partir de então, o país teve 10 Primeiros Ministros e muito pouco desenvolvimento social. Em 2018 uma aliança entre os dois partidos comunista nepaleses ganhou as eleições com uma maioria de quase dois terços. Nas suas primeiras declarações, a presidente Bidhya Devi Bhandari prometeu que iria cortar com o passado, onde *“a vitória tendeu a tornar os partidos arrogantes. Existe o temor de que o Estado seja opressivo. Os ganhadores tendem a ser indiferentes às suas responsabilidades. Mas isso não vai acontecer com um governo comunista”*.

O jardim era um espaço repousante, frondoso e acolhedor (foi com alegria que, ao preparar estas linhas, confirmei não ter o terrível terramoto de 2015 trazido grandes alterações), saboreávamos uma carilada, estávamos todos menos o Pedro e a Rute, que tinham resolvido ficar num hotel mais barato... mas a inexistência de água quente trouxe-os de volta para a KGH...

*“Amanhã cedo temos de ir tratar do transporte para Lhasa!”*, lembrei, bem sabendo que iria ser necessário alugar carrinha com condutor e guia, bem como garantir avião de regresso a Kathmandu. Mas a coisa não correu bem: a rota estava suspensa e apenas dentro duma semana seria possível atravessar a fronteira para o Tibete. A justificação foi o degelo e o perigo de avalanches, mas muito possivelmente teria também a ver com movimentações de livrinho vermelho na

mão! Tivemos de alterar o programa, seguiríamos logo que possível de avião para Lhasa e daí voltaríamos para Kathmandu por terra, o tal itinerário que nos obrigaria a voar directamente para os 3500 de Lhasa!

Mas não havia nada a fazer! Seríamos avisados da data de embarque no dia seguinte, o que acabou por acontecer passados três dias. Todos encarámos estas alterações de forma natural, habituados às contingências dos aeroportos asiáticos.

O tempo até ao embarque foi bem aproveitado, serviu para ficarmos a conhecer melhor a cidade. Todos os caminhos vão dar à deslumbrante Durbar Square, onde se situa um dos antigos palácios do rei. O contraste entre a zona antiga e os bairros mais recentes da cidade é patente: nos distritos modernos há ruas poeirentas de tráfico ruidoso e um intenso cheiro a gasolina no ar, montras de electrodomésticos, painéis publicitários, monstruosidades de cimento, a ocasional vaca a ocupar um passeio, não faltando todavia livrarias onde se esquece a “modernidade”.

Entre o eco de sinos tocados nas oferendas e cheiros a madeira e incenso queimado, entre pombos que esvoaçam espantados por meninos, Pedro puxa-me para perto do Palácio Real e anuncia em surdina mas com sorriso malandro que *“logo, ao pôr do sol, temos de subir ao templo Bhunath, vai ser o máximo, arranjei doces mesclados com açúcar do outro mundo, foram caros mas batem bem”*.

Assim fizemos e entre macacos e um pôr do sol “do outro mundo” alguns de nós conheceram sensações que não mais esquecerão, a Zélia que o diga, ainda tenho a fotografia, sorriso apalhaçado que parece afastado da face encostada à mão, num esgar onde os olhos brilhantes sobressaem, que se prolongou até à corrida de regresso no Tuc-Tuc (a Rute achou

bem pouca graça!) Eu olhava a cidade onde a cacofonia de buzinas e poluição se estende em baixo e ao longe, à minha volta esvoaçam pombos, crianças gritam entre o repique de pequenos sinos, muitos macacos saltitam rodeados de figuras de pedra sagrada. A Rosa encontrou maravilhas entre estátuas douradas que de costas direitas meditam, bandeiras coloridas ligando estupas que envolvem olhos sagrados e rezas monocórdicas intercaladas com guinchos de macacos.

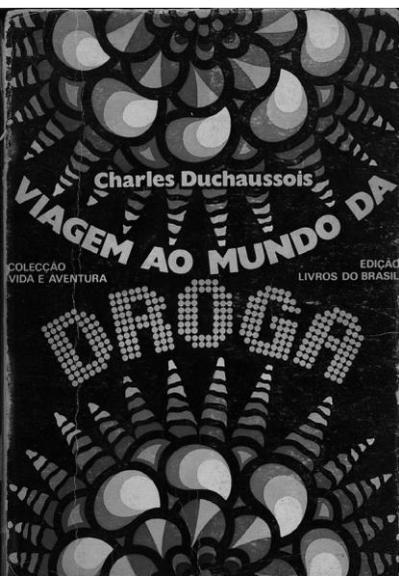
Na cidade, tivemos a sorte de Amita Shakya, na altura a Kumari (menina deusa), ter aparecido à janela por breves momentos, cerimonial que a recente implantação da República deverá proibir: periodicamente são escolhidas meninas pré-púberes que só podem sair à rua em procissão e que para alguns hinduístas e budistas nepaleses representam encarnações do deus Durga. A Fernanda tirou muitas fotografias entre comentários de crítica ao cativo forçado por parte de vários turistas que se agitam no pequeno pátio, enquanto o Pedro e a Rute se abraçavam junto de uma grande estátua de Garuda, o homem-pássaro que aparece associado ao deus Vixnu.

Não voltara a ter qualquer conversa com o Prof. sobre a nossa missão, nem depois da alteração do trajecto, como se ambos entendêssemos que esse momento surgiria na altura certa. Todavia, não deixei de reparar que nessa noite conversou, por breves momentos, no pátio da Guest House com um jovem ocidental. Pouco depois pediu-me para logo que possível o acompanhar na compra de um traje de monge, será que eu fazia ideia onde tal se poderia arranjar?

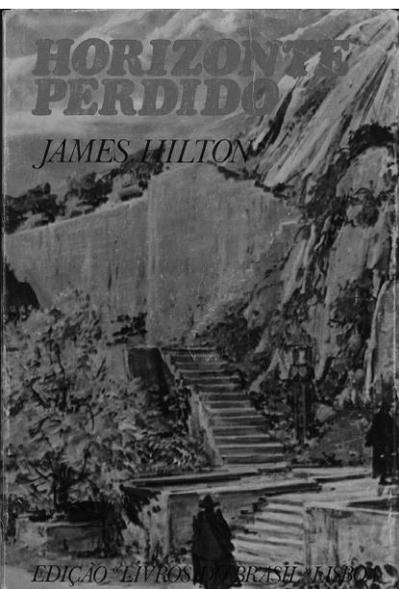
Por acaso sabia: em 1994 resolvera experimentar a vida monástica (eu, um ateu de nascença!), embora só por três dias! Sim, três dias encerrado num mosteiro budista sem falar,

apenas comer, dormir e meditar, para além de várias horas na biblioteca, apreciando (pelo perfume, pelo toque e pelas cores) antigos livros de oração decorados a bronze. Mais tarde descobri que cheiravam a incenso e velas de manteiga de iaque, envolvendo impressões digitais milenares coloridas por arcos-iris de sabedoria.

Nas palestras aprendíamos meditação para ser utilizada em experiências pessoais, interiores, entre alunos na maioria franceses e alemães, de preferência em posição de lótus... ou parecida. Não esqueci a aula em que Karin, a monge sueca, nos guiou até às portas da morte. Usando a imaginação, experimentámos uma “morte branca”, qual De Profundis Valsa Lenta de José Cardoso Pires, passo a passo, tranquilamente, dominando o temerário percurso.



“Viagem ao Mundo da Droga” de Charles Duchaussois  
“Outra razão do sucesso do Cabin Restaurant: toca-se ali música europeia, e à noite os drogados vêm ali sonhar, ouvindo os Beatles ou os Rolling Stones. Além dos hippies, vêm turistas. É a maior atracção de Kathmandu, muito mais famosa que os templos”



“Horizonte Perdido” de James Hilton, a aparição de Shangri-la em 1933:

“A marcha produzia uma tranquilidade de espírito quase extática, os pulmões, deixando de funcionar automáticos e ignorados, disciplinavam-se de maneira a harmonizar-se com o espírito e as pernas. Todo o corpo movia no ritmo único da respiração do andar e do pensamento...era, na verdade, um espectáculo estranho, quase inacreditável. Um grupo de pavilhões coloridos pendurava-se na encosta da montanha, sem aquela sóbria resolução dos castelos do Reno, antes com a delicadeza aventureira de pétalas de flor encravadas num penhasco.”

O mosteiro budista tibetano de Kopan, nos subúrbios de Kathmandu, desde os anos 70 que é muito frequentado por ocidentais que procuram um caminho rápido para o Nirvana, o tal estado de “ausência de sofrimento”. Mas para lá chegar, ao mosteiro, o nosso caminho foi perigoso (tuk-tuk em louca velocidade com curvas em duas rodas entre transito infernal), poeirento e poluído, bem agarrados ao canudo de aço da capota, aparelhagem portátil em altos berros, entre vacas e galinhas esvoaçantes, como se o Criador nos aconselhasse a não seguir o invíio caminho da conversão budista.

Por fim, depois de uma longa subida a pé, encarámos o edifício amarelo claro que, até 1971, data em que foi adquirido por uma princesa russa, servia de residência ao astrólogo do rei do Nepal. A história merece ser contada: Zina Rachevsky era uma bela mulher, excêntrica hippie filha de um expatriado russo, que em 1966, cansada do brilho “socialite” de Hollywood, parte para o Nepal e torna-se na primeira discípula ocidental do Lama Yeshe, convencendo-o a abrir cursos sobre budismo para estrangeiros. Começaram por residir em Boudhanath, perto de Kathmandu, mas o magnetismo da antiga casa do astrólogo, com uma soberba

vista sobre o vale de Kathmandu, levou a que a princesa Zina, agora com o nome budista de Thubten Changchub Palmo, contribuísse para a compra do terreno, a que se juntaram os donativos e prestações dos alunos, assim nascendo o mosteiro de Kopan em 1971. Tornou-se monja e faleceu num retiro junto ao Everest, nas cavernas de Lawudo, em 1973. Tinha 43 anos e o corpo cheio de “sex and drugs and rock&roll”.

Na parede, em grandes letras, pode ler-se

Whether one believes in a religion or not, and whether one believes in rebirth or not, there isn't anyone who doesn't appreciate kindness and compassion (H.H. The Fourteenth Dalai Lama)

Na loja do mosteiro adquirimos o traje de monge, que mais me pareceu um emaranhado de panos vermelho escuro e açafraão, que o empregado (de óculos escuros e auscultadores nos ouvidos) enroscou no historiador, que aprovava sorridente.

*“Joaquim, não lhe posso adiantar muito mais, mas a verdade é que a mudança de itinerário obriga a adaptações que a seu tempo entenderá”*, murmurou discretamente.

Eu já tinha desistido de fazer perguntas, gozava o prazer de me deixar ir, atento para que o resto do grupo não estranhasse algum comportamento suspeito.

Mas nessa noite, em casa de um vendedor de fruta com quem o Pedro metera conversa, e que sabia inglês, convidados para uma jantarada no chão rodeados pela família, comendo com a mão direita (a outra tem funções menos dignas) saboroso mas pobre caril de lascas de frango, a Fernanda não deixou de perguntar “onde é que vocês foram que desapareceram durante 3 horas?”

Limpendo o acastanhado molho que caía do queixo no papel de jornal que servia de toalha, bebendo chá para ganhar tempo, tentei explicar que era uma surpresa que estávamos a preparar e que, aproveitando as vagas palavras de António, a seu tempo iriam entender.

Foi um alvoroço, “*vá lá diz o que é!*”, as bonitas filhas do anfitrião espantadas a olhar, a esposa escondia a cara num sorriso malandro, eu tentava mudar de conversa folgando em português que o bebé que a mãe abraçava era bem feíinho, António lançava-me olhares inquietos, enfim, a coisa acabou por acalmar...

(Ainda agora a Zélia se lembra desse episódio e também que uma das filhas muito teimou para ir com ela para Macau trabalhar, até acabou por lhe escrever uma carta a insistir!)

Nesse dia à tarde, véspera da partida de avião para Lhasa, a Zélia, Rute e Rosa tinham ido com a miúda ao cabeleireiro, só a Zélia memorizou que “*levámos uma massagem na cabeça que, cuidado, era bem violenta, a cabeça abanava de um lado para o outro!*”

Mas dessas horas a minha memória é outra, confesso que nunca me tinha sentido tão desconfortável! E também tem a ver com massagens!

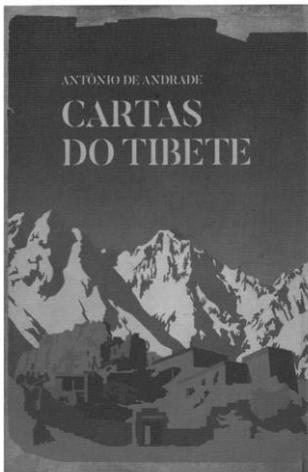
Era meu hábito, desde que em Marrocos fora surpreendido num hammam de bairro -não daqueles banhos públicos de hotel para turistas ou elites locais, mas dos que das paredes escorre água e a nuvem de vapor é tão densa que mal se deslumbram as proeminentes barrigas dos clientes - com uma visão que nunca esquecerei: de costas para a entrada, sentada numa cadeira, uma imensa figura onde só se vislumbrava carne e cabelo encharcado até ao pescoço!

Explicaram-me que era a massagista de serviço, “*trata qualquer enchaqueca da cabeça à ponta dos pés*”!

Gostei, senti-me bem, tornei-me aficionado e interessado na matéria. Seguiram-se as artísticas na Tailândia, vieram várias nas areias e ao sol das Filipinas, não faltaram as altamente especializadas dos profissionais chineses nem (inadvertidamente) as mais ousadas de algumas profissionais chinesas, não esquecendo as delicadas manipulações japonesas. Mas o que me aconteceu em Kathmandu não voltei a ensaiar...

Era um rapazito pequeno, magro, cartaz nas mãos (*Come and Try Nepalese Massage, he is a professional doctor*), achei que era coisa séria e não teria surpresas dispensáveis, em qualquer parte do mundo escolher uma massagem requer certos cuidados! Dez dollars americanos, é razoável, não pode ser um leigo aldrabão.

Seguiu pelas ruas cobertas de pó e charcos de água, entre bicicletas, vacas sagradas e mulheres com cestos de fruta à cabeça, subimos umas escadas e entrámos numa sala escura, o ruído da rua era abafado por uns largos cortinados, uma espécie de maca no meio e uns cabides nas nuas paredes. Passava uma aragem que arrepiava o corpo, estranhei quando me pediu para tirar a camisa, era abril ainda não estávamos no Verão.



“Cartas do Tibete”, Antônio de Andrade

As cartas da autoria do padre jesuíta Antônio de Andrade datam de 1624 a 1633 e foram enviadas desde Goa, na Índia, para a missão jesuíta na Europa. O missionário, natural de Oleiros, foi o primeiro europeu a chegar ao Tibete em 1624 e a dar conta daquela terra onde as serras são “as mais fragosas e altas que parece pode haver no mundo”

Deitei-me na pequena cama, lençóis frescos, sinto duas mãos a puxarem as calças um pouco para baixo, o suficiente para tornar os gluteos acessíveis, e foi por aí que iniciou, por vezes descem do pescoço esquadrinhando e pressionando cada osso, mas ele inverteu a direção, arrastou-se minutos por aí. Eu estava inquieto, não conseguia relaxar, ele insistiu, o tempo passava e claramente as mãos não atalhavam por mares encapelados, comecei a descontrair e, inesperadamente, começou a surgir uma sensação inadequada, descabida, quase imprópria porque nada na tarefa do massagista justificava essa reação, era um mero e controlado serviço técnico! Felizmente passados vinte minutos o tratamento estava terminado, tenho consciência que encontrei um aliado no tal ventinho frio...

### *Capítulo 3* — **Voando de Kathmandu para Lhasa**





## I.

Já conhece a Lenda do Sushi?

O japonês sentara-se ao meu lado antes que alguém do grupo o fizesse, (ninguém liga aos lugares marcados, pensei!), inicialmente dissertara sobre a equipa de alpinistas japoneses que em 1969 se tornaram pioneiros na subida até ao cume do monte Gurja (entre 9 de Outubro no Campo Base I a 4750m até 12 de Novembro a 7193m), que se esgueirava entre as nuvens que rodeavam o pequeno avião chinês.

*“Sublime! Não há outro termo! Mais uma vez a natureza serve para demonstrar que os lugares sublimes nos convencem que o universo é mais poderoso que nós e que devemos inclinar-nos perante necessidades que nos ultrapassam!”* E continuou:

*“Assim se passa com a comida, onde ao juntar e concentrar os nossos sentidos na descoberta de novas cores e aromas, onde se juntam sabores desconhecidos, se pode também alcançar as margens do sagrado!”*

Esta introdução serviu para se apresentar como empresário que ia preparar a ousada abertura dum restaurante japonês no Tibete, no Hotel Shangri-la (essa abertura apenas aconteceu em 2014).

*“You know, um antigo provérbio do meu país diz que quem se deliciar com um sabor que nunca antes experimentara, a sua longevidade aumentará em setenta e cinco dias”.*

E contou esta graciosa história

*“Há muitos muitos anos na província japonesa de Kanagawa, a guerra entre Daimyôs, senhores poderosos e*

*gananciosos, fazia o povo passar muita fome. Os aldeões tentavam encontrar sitio para esconder o arroz e outros alimentos, mas sempre eram descobertos e roubados.*

*Um dia a senhora Akiko, que vivia no lugar de Zuchi, reparou que os ninhos de Misago, a águia marinha, se disfarçavam entre os ramos das árvores, e teve a ideia de esconder o arroz em caixinhas num desses abrigos. Ninguém iria reparar em tal esconderijo! E assim foi: todos os dias o seu filho subia à arvore e depositava ao lado dos passarinhos caixinhas com o arroz avinagrado, forma tradicional de conservar os alimentos, para no dia seguinte ser consumido. Mas um dia esqueceu-se de fechar a tampinha da caixa! Quando lá voltou, reparou que a águia, ao alimentar os seus filhinhos, tinha deixado bocadinhos de peixe cru por cima do arroz, salmão, atum e outras iguarias fresquinhas, acabadas de ser recolhidas do mar! A descoberta foi tão deliciosa que toda a aldeia passou assim a combinar os alimentos, nascendo o saboroso sushi!”*

Eu concordei mas juntei a música, entre outros caminhos para o sublime, assim encontrando espaços e ideias que eu nunca alcançaria sem essa ajuda. Lembrei-me de Pedro Hispano: “cantar com prazer e alegria moderada faz bem ao coração”. A nossa cavaqueira continuou interessante, iluminada pela imponência fria e soberba das montanhas que ligam o Nepal ao Tibete e que, pensava para mim, em breve iríamos pisar...

Deixou-me o seu contacto em Lhasa e eu retribui referindo que ficaríamos no Hotel Yak (o simpático empresário arrepanhou a boca e torceu o nariz, remorejando Yakkkk).

O Yak Hotel tem história: surgiu em 1986 e gradualmente tinha vindo a ser descoberto pelos diversos tipos de visionários que em Lhasa aparecessem, fossem alpinistas ou “bikers”, “Shambha-la searchers” ou veraneantes do acaso, levados pela curiosidade em saber o que está do “outro lado”, tentação quase proibida no século IV, por Santo Agostinho, nas suas “Confissões”.

Às anteriores acrescenta-se outra tentação, que oferece maiores perigos. Além da concupiscência da carne, que consiste no deleite voluptuoso de todos os sentidos, e cuja servidão dana os que ela afasta de ti, insinua-se na alma um outro desejo, que se exerce pelos mesmos sentidos corporais, mas tende menos a uma satisfação carnal do que a tudo conhecer por meio da carne.

É a vã curiosidade, que se disfarça sob o nome de conhecimento e de ciência. Como nasce do apetite de tudo conhecer, e como entre os sentidos os olhos são os mais aptos para o conhecimento, a Sagrada Escritura chamou-a de concupiscência dos olhos.

Ainda faltavam uns largos minutos para o final da jornada de cerca de uma hora até Lhasa, recostado antecipei os dias que aí vinham.

Que Tibete e cidade capital iria encontrar? São constantes as notícias referindo contestação popular relativamente à presença chinesa no território, que invocando tratados longínquos ocuparam fisicamente e culturalmente as montanhas a Sul do Deserto de Karacum em 1950. Confesso não ter certezas históricas sobre essa legitimidade, mas dificilmente tradições tão religiosamente fortes poderiam conviver com a miscelânea resultante do Taoísmo Yan do povo e ateísmo oficial chinês. Acresce que àquela religiosidade budista correspondia um governo feudal dirigido

pelo Dalai Lama, onde o poder do estado se confundia com o religioso, o que naturalmente reforçou os argumentos chineses.

Estes afirmam que o Tibete é chinês desde a dinastia Yuan no século XIII, os tibetano independentistas declaram que não passava duma colónia imperial.

É inegável que desde a destituição pelos chineses do Dalai Lama (que agora vive na Índia em Dahramsala) as condições de vida têm vindo a melhorar, mas seria visível a resistência à invasão de trabalhadores não tibetanos, designadamente de migrantes da étnia Han? Diga-se que agora a questão da independência já não se coloca tanto porque o próprio Dalai Lama já aceita maior autonomia como ponto de partida.

Estas cogitações foram interrompidas pela Rute que, pálida, apontava para as saídas do ar condicionado envoltas em fumo branco, trata-se de simples limpeza do sistema, afiançou a hospedeira divertida. A preocupação transformou-se numa das suas francas e bem audíveis gargalhadas.

Reparei que o meu companheiro de lugar tomava notas num pequeno Moleskine preto.

## II.

### ZUGUAMBÉ!!!!!!!

*(exclamação em “Lingua de Preto” que para nós simboliza o imenso fascínio musicológico e musical que um património quase desconhecido suscita - ver Tiago Simas Freire em “Zuguambé: Música para a liturgia do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra c. 1650”, onde dirige os Capella Sanctae Crucis, edição Harmonia Nova)*

Tinha passado quase meio ano desde que relatara a António, seu conterrâneo beirão, a emoção ao encontrar o Libreto que Domingos, lírico servidor de António de Andrade

e outros caminhanes das montanhas, criara a partir das suas viagens. Perdidas num calhamaço jurídico de Pessanha, eram folhas amareladas pelo tempo e origem, que se desdobravam à maneira de pregas de fole de acordeão, como se fizessem parte do acervo encontrado na Caverna dos Mil Budas, em Duhuang, na China. Impossível saber o que acontecera, não tinha ideia de especial interesse de Pessanha pelos jesuítas. Manuscrito com clareza de raciocínio e firmeza de mão, em letra preta e miúda, cedo se apercebeu do valor da descoberta. Será que António podia ajudar?

Rui Gouveia preparava um texto sobre “Estética Orfeica em Camilo Pessanha” na biblioteca do Leal Senado, onde se conserva parte do espólio do autor de *Clepsidra*. Pesquisava ritmos escondidos nos poemas, timbres em palavras ditas ou lidas, harmonias que se escapam das “arcadas do violoncelo”. Macau fazia parte do seu imaginário desde que seu avô, um viajante das estradas e amante da condução, contara em livro a sua visita a essa “reliquia de Portugal no Oriente”.

Conhecera o encenador Marco Alvarez e Pemba, monge de Xigaze, numa formação em Pequim sobre os Jesuítas na China, incidindo em Tomás Pereira, construtor de um órgão e de um carrilhão que foram instalados numa igreja de Pequim em finais do século XVII.

Dos longos passeios pela cidade surgiu amizade que levou o jovem tibetano a lamentar as dificuldades que a sua orquestra para crianças passava, o homem do teatro ficou entusiasmado, resolveu pedir uma bolsa ao Governo Venezuelano (trabalhava no Sistema Nacional de las Orquestras Juveniles e Infantiles de Venezuela) e ajudar o seu companheiro nessa luta pela orquestra juvenil. Quem sabe se

El Sistema não poderia ajudar, afinal o seu lema é “tocar e lutar”!

E ali estava, inesperadamente, essa esperança: uma relíquia que caíra do céu feito livro, preciosa ajuda para cumprir o sonho do mestre budista.

Telefonou ao amigo que habitava nas traseiras do templo Tashilhunpo, residência dos Panchen Lama (onde 400 anos antes padre Estevão Cacella mencionara numa das suas cartas o desconhecido Reino de Shambala) e logo veio a ideia de concretizar o apoio do modelo didático idealizado por José Antonio Abreu para El Sistema, criando uma espécie de teatro musicado, através da encenação escrita e idealizada por Domingos de Macau. No Tibete até havia algo parecido, o Lhamo!

É porém aqui mui celebre um reino que dizem ser mui grande, e se chama Xembala e fica junto a outro que chamam Sopo daquele Reino de Xembala não sabe este Rei que lei tenham e no-lo tem perguntado por muitas vezes. Deste Reino cuidamos poder ser o Cataio, porque o de Sopa é o dos tartaros, como entendemos pela guerra, que este Rei nos diz tem aquele Reino de continuo com a China, acrescentando que o Rei da China tem mais gente.

Estevão Cacella em Carta de 1627

O monge estremeceu perante tal possibilidade! Poder trabalhar sobre um documento tão especial, a própria narração em partitura artesanal dos sons e outras maravilhas que haviam fascinado, por vezes de forma contraditória, António de Andrade, Estevão Capella e, claro Fernão Mendes Pinto na sua Peregrinação! Como terão absorvido a estética sonora destas montanhas, onde o modalismo hipnótico se mistura

com a algazarra dos costumes gentios? Como teria Domingos interpretado essa exótica novidade?

Seria música encantada ou própria das negruras do inferno?

Tanta diversidade de tangeres bárbaros e desconcertados, que quase faziam tremer as carnes, porque os mais deles eram sinos, bacias, tambores, atabafes, sestros, cornetas e búzios, e sobretudo a grita da chusma que parecia coisa de encantamento, ou para melhor dizer, música do inferno, se lá há alguma.

“Peregrinação”, descreve o cerimonial que recebeu o embaixador do rei da Birmânia em Lhasa, no Tibete

Que melodias aconteceriam nesses jardins onde pelo meio andavam muitas mulheres moças muito formosas e muito bem vestidas, recreando-se em muitos passatempos, tanto de bailes e danças muito concertadas, como de músicas de muita variedade de instrumentos suaves quase ao nosso modo, os quais tangiam com tanto concerto e tão suave harmonia, que não havia ninguém que não tivesse muito gosto de lhe inclinar as orelhas;

“Peregrinação”: descrição de um jardim no palácio do Rei do Tibete

Que trova terá nascido da entoação suave, como cantochão entre nós, com que os lamas rezam suas prosas... num canto bem entoado e sem elevarem muito as vozes?

Excertos das cartas de António de Andrade

Mas teria de ser levado para Xigaze em segredo, era melhor não arriscar e evitar dar disso conhecimento tanto às autoridades chinesas como à hierarquia religiosa budista, pois muito possivelmente decidiriam aproveitar o documento de outra forma. E, claro, só ele sentia longínquas vibrações

daquelas paredes, que poderiam impregnar o testemunho directo dum menestrel !!!

Ficou a entrega combinada, mas Rui Gouveia não poderia fazer a viagem, tinha prazo apertado para ultimar a pesquisa sobre Pessanha. Com a preciosidade bem guardada em local combinado com o seu amigo Akin, natural de Xiao Lin e gerente de empresa ligada a banhos e massagens, que conheceu numa prova de Barcos Dragão, resolveu procurar quem pudesse executar o secreto encargo.

Será que António podia ajudar?

Interessado pela Ciência da Religião, que em Macau aprofundou investigando o compromisso jesuítico, com especial admiração pelo Padre Luis Frois e a sua “Historia do Japão”, o projecto pareceu ao professor universitário bem apaixonante! Será que nesse documento “sentiria à distância” um pouco do que Frois, em carta enviada de Goa aos Colégios da Companhia de Jesus em Portugal, descrevendo um baptismo realizado em Goa em 5 de Julho de 1560, relatava ?

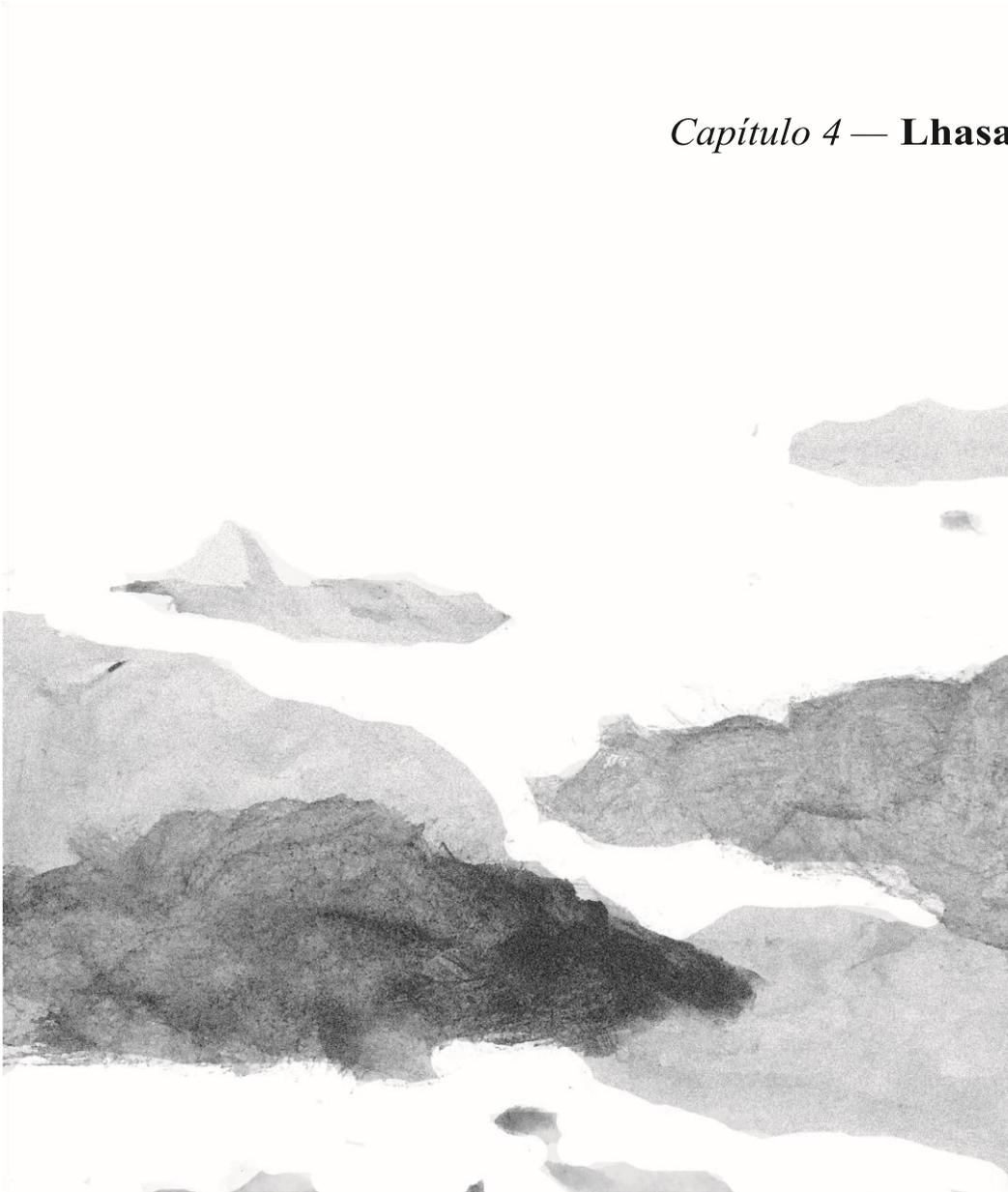
[...] Não tardaria huma hora quando sae outro esquadrão de caticuminos deste collegio, mui bem ordenados e compostos, com as bandeiras dos christãos e charamelas diante, em que hião mais de quatrocentas almas antre homens, molheres e mininos, e seis alifantes diante, que hião fazendo lugar e afastar a gente, aonde se ajuntarão com os outros e com a gente do Viso-Rey que laa tinha convertida. [...] Começarão-lhe nossos Padres a fazer cerimonias e doutra parte a tangeren-sse trombetas, charamelas e atabales e outros instrumentos; os nossos mininos de casa tãobem respondião com seus canticos, himnos e psalmos; [...]

Zuguambé oriental! O desejo de vasculhar nos sons do passado juntava os quatro investigadores, como se o

desconhecido os ligasse, qual “doppelganger”, aos destemidos jesuítas.



*Capítulo 4 — Lhasa*





## I.

*“Lembra-se da surpresa de que lhe falei?”*

Sentados num banco público no emaranhado bairro de Barkor, numa das ruelas que rodeiam o templo de Barkor Jampa Lhakhang, comentávamos como o pequeno monte de Gephel se torna tão imponente quando divisado atrás do grandioso Palácio Potala. Chegámos no dia anterior e a noite fora para alguns de nós bem comprida e penosa! Inadvertidamente, não cuidámos de descansar como forma de habituação aos 3500 m de altitude, o que resultou em dores, enjoos e tonturas!

Mas não era a diferença de pressão atmosférica que fazia António respirar apressadamente, custava-lhe a engolir o chá de leite de iaque que adquirira na venda, agitadamente segurava um pequeno maço de sete fotocópias com letra esbatida,

*“Pois vai conhecer o documento que, tudo o indica, seja a primeira manifestação musical da globalização: composições onde acordes de culturas diferentes se fundem, antecedendo em quase 400 anos o advento da World Music. Em 1780 surgiu algo semelhante em Calcutá, com intérpretes ingleses a glosar arranjos indianos com instrumentos ocidentais (designada por “Hindoostanie air and nautch music”), mas já quase 200 anos antes Domingos criara temas onde se juntavam ambiências ocidentais e orientais.”*

E apresentou cópia das sete páginas do Libreto, declarando que eu poderia interpretar e apresentar o conteúdo publicamente da forma que entendesse, passados 20 anos da

data em que Pemba recebesse o original. Essa condição daria tempo para o filão poder ser bem apro veitado pelo monge tibetano!

Fazendo-me sinal para o seguir, anunciou que era tempo de estrear o traje que compráramos no Nepal. Em passo apressado, corpo um pouco inclinado para a frente, expressou a sua preocupação, *“pois tudo agora está mais complicado, a alteração no percurso implicou que vamos ter de receber novas instruções, fui contactado por um espanhol que me pediu para aparecer num encontro marcado para uma sala isolada do palácio Potala!”* E pronto, nada mais adiantou sobre o que se seguiria, perdendo-se o professor em apaixonados comentários sobre a personagem principal deste enredo, que eu, já cativado pela intriga, fui absorvendo com dificuldade entre a turba cidadina.

O que cativava Domingos não era a cruzada para libertar reinos cristãos, mas a curiosidade em conhecer novos mundos, era atraído pelo diferente. Viajar em sonhos, para Freud, simbolizava morte. Para Domingos representava a felicidade que se encontra em viver na plenitude. Partir, ensaiar o desconhecido, era arriscado e até fatal para o psicanalista. Para o segrel, as narrativas sobre esses lugares distantes arrepiavam de prazer.

Domingos de Macau (mencionado no documentário “Em Demanda do Grande Cataio”, de Alfredo Caldeira e Diana Andringa, 2008) nascera perto do Porto Interior, na cidade do santo nome de Deus, em finais de 1604, filho de um português e de uma indiana, possivelmente levada de Cochim como

escrava. Cedo quis conhecer a terra de sua mãe e embarcou para Goa, onde estudou no Seminário de Rachol.

Habitado aos floridos sons da natureza, como as flautas de bambu, tão comuns na lírica chinesa, apeteceu-lhe conhecer outros mais ondulantes e magnéticos, aqueles que sua mãe entoava saudosa.

Era um sonhador, um romântico. As aventuras que escutava de António de Andrade e de outros exploradores encantavam-no, imaginava lugares fantásticos com animais mitológicos, miríades de ecos e cores deslumbrantes, cheiros e sabores assombrosos, mesmo possíveis excêntricas doutrinas não o assustavam.

Mas, sabia bem, não era esta ambição que o afastava dos temerários jesuítas ou dos mercadores, percebia que também neles a curiosidade soprava as velas da jornada... todavia quase esqueciam a arte que mais o empolgava, aqueles porque apenas a encaravam como via para conversões e estes porque era o mero prazer que nela procuravam: a Música!

Absorver sons e melodias desconhecidos, misturá-los interiormente e compor laudos a Apolo! Como compreendia os estudos de Athanasius Kircher, padre jesuíta que na sua *Musurgia Universalis* (1650), foi pioneiro na investigação dos efeitos da musicoterapia, considerando que a música e a dança auxiliavam na cura de diversos males! O padre alemão chegou a redigir uma composição (*Antidotum Tarantulæ*) que pretendia atenuar aos efeitos do veneno de uma doença denominada tarantismo, provocada pela picada da aranha da espécie tarântula.

Ofereceu-se para acompanhar António de Andrade ao Tibete como moço criado, sendo a primeira “peregrinação em busca do som perdido” de várias com ou tros viajantes. Depois de viver dois anos em Goa, onde se deliciava com a estereofonia saltitante da igreja para o templo hindu vizinho e daqui para lá, com a sua casa no meio a ser invadida por som de órgão clerical muitas vezes envolvidos em ritmos vibrantes quase proibidos da dança das bailadeiras, assim a poderosa Inquisição decretava, parte para a Missão em Agra do Rei Aquebar e em 30 de Março de 1624 acompanha Andrade e Manuel Marques em demanda do Tibete.

Domingos não era artista da corte ou trovador popular, antes buscava a nota sublime, onde harmonia, melodia e ritmo se fundem em timbre perfeito! Essa era a sua cruzada, o seu Shangri-la!

## II.

*“Nos primeiros passos no hotel em Lhasa, havia uns degraus a subir, aí percebi! ups! respirar!!!! Mais tarde, em Timor, fiz mergulho, e a primeira vez que desci no mar com a parafernália toda esqueci-me de respirar..... claro! Assim que me faltou o ar e dei um respiro fundo e percebi que conseguia viver debaixo de água, foi um mundo que abriu. Em Lhasa foi como voar..... o corpo é mais leve mas mais pesado.... É como mergulhar!*

*Acho que me lembro ter pensado (ou será que alguém me disse?): o truque vai ser perceber o ritmo do meu corpo e da minha respiração e acompanhar, e assim fiz! Nunca cheguei*

*a ficar doente, foi uma proeza e senti-me muito valente (eu, a fumadora...) de ter conseguido aguentar... a juventude ajudou claro. Entre nós comentávamos: os dois únicos que não ficaram doentes em Lhasa foram o Joaquim e a Rosa. Eu, a fumadora!*

*Em Lhasa foi como voar..."*

Assim decifrou Rosa, vinte anos depois, o embate de quem aterra numa das cidades mais misteriosas do planeta!

Todos sentíramos o mesmo: uma calma simultaneamente branda e áspera, etérea e espessa, atraente e assustadora. Pouco oxigénio, silêncio (hoje em dia talvez perdido), linguajar desconhecido, monótonas preces distantes. As montanhas que rodeiam a cidade lembram-nos que estamos a mais de 3400 metros acima do nível do mar, embora o sol escaldasse!

São inúmeros os lugares sagrados em Lhasa, não adianta andar de templo em templo comentando os peregrinos de roupa garrida bordada a ouro que se espojam e se levantam de mãos em oração ou retinem pequenos guizos em torno de tubos cilíndricos, as janelas das casas enfeitadas com pestanas de tecido e candeeiros com lâmpadas que se acotovelam, enquanto fumo se liberta de pequenos altares em forma de campânula branca, basta sorver a atmosfera mística que emana de cada canto e que duplica altitude geográfica!

*“Joaquim, tens de falar do mosteiro onde os monges debatiam doutrina batendo palmas em gestos amplos e ritmados.... lembro-me de ter querido apanhar o som, era qualquer coisa de genial! E houve alguém que tinha gravador..... a Fernanda?”*

Sim, tenho de falar do Mosteiro de Sera, dezenas de figuras em vermelho escuro, umas sentadas que ouvem atentamente, outras em pé que, defendendo as suas opi niões, lançam perguntas pontuadas com palmas bem audíveis (a brincadeira do Pedro, que se envolveu entre eles, imitando o debate, começou por não ser bem encarada mas tudo acabou bem, até gritaram Viva Portugal)!

Da nossa visita ao Palácio Potala, desde 1648 residência de inverno dos diversos Dalai Lama (onde se concentra um Oceano de Sabedoria...), ficou bem marcada a embirração de Rosa para com o guia chinês, designado para nos acompanhar em Lhasa e durante a travessia para o Nepal:

*“Aquele psicopata sempre a falar da libertação e eu sempre a pensar que ele se estava a referir a um momento da história de há séculos atrás, quando de repente percebo que a libertação tinha sido a ocupação chinesa..... foi nesse momento que o passei a odiar profundamente, acho que o ódio era partilhado heheh...ele era um pobre coitado, de certeza, mandado para ali para pagar estudos ou qualquer coisa assim, mas odiado na mesma...”*

Nesse dia o professor tinha ficado no hotel, agora sim recuperando da nossa ousadia em não descansar, a Zélia também, *“mas no dia seguinte fui sozinha, ainda debilitada, ia- me sentando nos tapetes de oração, bem me lembro!”*

Por ela terá passado um ocidental em traje que não levantava suspeitas, pagou bilhete de monge (mais barato que os 25 Yuan normais) e lançou-se pelas escadarias de estreitos e perigosos degraus que nos levam até ao telhado através de salas poeirentas com paredes em madeira e pedra.

Ainda mal refeito do afogo, traje de monge colado ao corpo suado da tensão, António contou a aventura.

*“Quando cheguei ao local combinado, o Apartamento da Luz do Sol do Oriente e antigo quarto de dormir dos Dalai Lama, pouco tempo tive para admirar a magnífica Praça Potala que se estende frente ao Palácio Branco! Quase de imediato, surgido não se sabe de onde, apareceram dois simpáticos confrades, digamos assim, que ao perceberem que eu não levava o que procuravam se enfureceram e, puxando-me para um canto, esquadrinharam todos os meus bolsos e outros locais mais íntimos acompanhando a busca com ameaças na língua de Cervantes! Acabaram por desistir, não sem antes me empurrarem de encontro a dois jovens turistas chineses que, entretanto, ofegantes pela subida, me ampararam, enquanto espantados miravam dois monges a fugir, segurando nos panos para não tropeçarem! Eu também me escapuli bem dizendo a nossa decisão em não levar o Libreto neste primeiro contacto!”*

Tinha sido uma boa deliberação, tomada depois da Rute, na rua pejada de tendinhas que leva ao Templo Barkhor, nos ter apontado um jovem espanhol, referindo que tinha metido conversa com ela em Kathmandu, tentando saber se ia de carro atravessar os Himalaias e qual seria o trajecto... nem mais nem menos que o emissário de quem António recebera instruções na Kathmandu Guest House! Estranhámos. Resolvemos, eu e António, tomar certas precauções, tendo o Libreto ficado comigo: o encontro no Potala serviria para certificar o destinatário.



Capítulo 5 — Através dos Himalaia





## I.

O que fazer agora? Telefonámos a Rui Gouveia que, preocupado, informou que nada tinha sido alterado, a entrega continuava a ser em Xigaze logo que possível! Tínhamos sido descobertos e quem desejava o raro documento estava decidido a tudo, o que só foi confirmado quando lemos no jornal que a embaixada da Venezuela no Nepal pedia ajuda para desencantar um turista desaparecido: logo entendemos que alguém tinha, de alguma forma, afastado o verdadeiro emissário de El Sistema e assim dera instruções falsas a António, marcando encontro no Palácio Branco de Potala, no Apartamento da Luz do Sol do Oriente (que, há quase 40 anos, desde a fuga de Tenzin Gyatso para Dharamsala na Índia, passou a ser local de visita e peregrinação...)!

António sentia-se cansado e fragilizado, foram muitas as atribulações dos últimos dias e a doença da montanha não passa assim! Acrescem o medo porque passou no Palácio Potala e possíveis perigos futuros... O que fazer? Já tínhamos decidido não falar à policia ou às autoridades religiosas, caso contrário a essência do projeto sairia frustrada. Só havia uma hipótese: eu tomaria o seu lugar e entregaria o documento em Shigatse.

Foi numa janela do Hotel Yak, com vista para o palácio real, que a decisão foi tomada: António voava para o Nepal e esperaria por nós em Kathmandu, tentando descobrir mais sobre o desaparecimento do emissário de El Sistema. Eu seguiria o plano original e entregaria o Libreto dentro de 3 dias em Xigatze (logo aí encontrei o lugar ideal para esconder a relíquia, bem junto à anca numa bolsa que comprara numa loja de viagens num freeshop de algum aeroporto, que sempre me acompanhava mas raramente usava!).

Mas não foi fácil convencer a Agência de Viagens chinesa: o contrato tinha sido firmado incluindo toda a equipa na jornada terrestre, isso não podia ser alterado! Apenas perante a real fragilidade de António mudaram de opinião, e foi comovido que de nós se despediu...

Passava um pouco das 9 da manhã quando os meus amigos marcharam sorridentes para a aventura de 5 dias, descendo os Himalaias. Na altura, ali sozinho, fora da carrinha, senti uma grande frustração, vendo partir muito alegres os meus amigos. Ainda assim, também senti algum conforto, pois, na véspera, o Joaquim conseguira-me um bilhete de regresso por avião a Kathmandu, e logo para o sábado seguinte, ao mesmo tempo que me deu alguns conselhos práticos, que segui religiosamente. Contudo, eu não poderia de modo algum deixar de esconder uma imensa pena, por não ter podido, por prudência, viajar por terra com os amigos, através das neves eternas e dessas aldeias rudes do Tibete. Isso só visto!... (curioso, reparo agora: Padre Andrade partiu de Agra a 30 de Março de 1624 e nós de Macau em 30 de Março de 1997, 373 anos depois)

Fragmento do diário, 6.a feira, 5 de Abril de 1996

A carrinha era branca debruada com pequenas listas e triângulos amarelos, azuis e encarnados, rodas altas e cabine estreita, quase escondia um pequeno porta-bagagens na capota, onde mal cabia uma bicicleta e um caixote. Fomo-nos acomodando calmamente, os seis portugueses mais um casal idoso japonês, cada um com seu pequeno chapéu redondo de abas largas e bengala de montanha pontiaguda, Bob, um francês de meia idade e barriga proeminente acompanhado de dois jovens com ar enjoadado, como se desejassem estar longe daquela imensidão, talvez na discoteca com os amigos, e uma rapariga espanhola que vinha “*confirmar se os socalcos do Pequeno Tibete em Espanha, nas Alpujarras, são mesmo parecidos com o original*”. Para além do guia chinês que nos acompanhava.

Como referimos, o trajecto inicial teve de ser alterado devido às condições atmosféricas, de forma que o seguinte itinerário deverá ser acompanhado em sentido inverso.

Recostado num banco que rangia em cada solavanco, perdi-me em pensamentos enlevados pelas sinuosas estradas poeirentas, como se de um filme se tratasse, nos ouvidos auscultadores com faixas de albuns escolhidos, já companheiros de outras divagações. Os sons musicais assumem estatutos personalizados para cada sujeito, preparam-nos ou mesmo transferem-nos para estados psicológicos específicos... estava preparado para a jornada! Quem sofreu o batismo da solidão em viagem não consegue evitá-lo.

(Ainda a música: dizem que o vinil está a voltar, há quem descubra ou de novo experimente a sensação do objecto físico, do tempo que se perdia ao virar o disco, mesmo da humanização dos riscos que o digital afastou. Compreendo, vivi e ainda aprecio tudo isso, mas tenho prazer maior em saltar de faixa para faixa, de agora reviver os anos 70 depois sons actuais, voltar aos 60 (não esqueço o prazer em ter descoberto os Beatles com o Fortunato, meu amigo de tantos achados adolescentes) ou avançar duas décadas, de imediato, sem procurar o disco de vinil ou CD na prateleira, apenas com um clique voar pelo passado e descobrir o futuro, que Spotify e quejandos proporcionam).

Mas desta vez tinha de orientar a imaginação para respostas urgentes e concretas.

Quem seria que tanto desejava o Libreto? Estaria disposta, entidade ou a pessoa, a ir até onde para o conseguir? Alguém estará infiltrado na camioneta? Revistarão os quartos? Assaltarão a camioneta?

Seja como fôr, o melhor será continuar a não contar nada ao resto do grupo: quanto menos souberem melhor. E também

não podem desconfiar de nada... até porque se alguém estiver infiltrado (entre os japoneses, a espanhola ou os franceses), espero que não saiba que sou eu que tenho o Libreto, pois assim a dispersão será maior.

## II.

“*Temos de decifrar este enigma!*” sentenciou a Zélia, acenando um livrinho azul, com o casal japonês num sorriso malandro, juntinhos como dois cogumelos, a apoiar a afirmação. “*Há aqui uma maravilha que não podemos perder!*”

Explicou então um jogo, onde através de adivinhas se invocavam encantos secretos, lugares pouco conhecidos mas procurados pelos mais curiosos e arrojados... pois ali, nesta zona do Tibete, existia um desses lugares fascinantes!

**Green Bull**  
TIBET, THAKSA & EXPEDITION OF LTD.

**URGENT FAX MESSAGE**

ATTN: Mr. J. CORWIN, DOC. CENTER, UNIVERSITY OF MICHIGAN,  
740S 523 8383  
FROM: ALBERT WARDEN, GREEN HILL ROAD, KATHMANDU.  
FAX: 00272 3 414903 / 00272 3 419223

**FEBRUARY 16TH 1996.**

Dear Mr. Corwin,

Thank you very much for you fax dated 16.02.96 received this morning. We are glad to itinerary as per your request. Do you want us to receive you at the airport and hold you line us to make hotel arrangements for your stay in Kathmandu. Hotel rates in Kathmandu currently will be approx. US \$ 20.00 per double room on S/B basis.

For confirmation please refer to our fax dated 28.12.95. Passport details and a 25\$ advance of funds must be forwarded at the very earliest. Please be advised that the bank receipt from your card must be sent to us without delay. Tibet permit will cost US \$ 20.00 per person at your arrival or stated in your fax. In on April 12th 1996. As soon as we receive your passport details we will book you all on Line Tibet tour for April 21th 96 as per your request.

**8 DAYS OVERLAND ADVENTURE**

**DRV**

**01 KATHMANDU-ZHANGMU**  
16,000 ft/ 4900 m  
Early morning drive to KATHMANDU (approx 1200) to the forest with the best quality of ZHANGMU for HANGKATOP (KATHMANDU) HERE. Overland in 1980 Zangmu.

**02 ZHANGMU-XEGAR**  
16,500 ft/ 5040 m  
A well run 4-wheel drive vehicle on the highest mountain range including Mt. Everest, 29000 ft, mostly through the forest and the highest snow-capped Mt. EVEREST (29000 ft) and THE LADAKHA ZANGMU and OVERLAND IN HANGKATOP (KATHMANDU).

**03 XEGAR-XIGAZE**  
13,000 ft/ 3960 m  
DAY 03 (MORNING) XIGAZE (2900 ft/ 8840 m) to the top of the highest mountain of CHANGKANG (LADAKHA) to the top of the highest Mt. EVEREST (29000 ft) and THE LADAKHA ZANGMU. From the top of the highest Mt. Everest.

**04 XIGAZE-GYANTSE**  
13,000 ft/ 3960 m  
A morning drive through the forest of the TANGKANG LADAKHA. From the top of the highest mountain of THE LADAKHA ZANGMU and THE LADAKHA ZANGMU. Overland in HANGKATOP (KATHMANDU).

**05 GYANTSE-LHASA**  
13,000 ft/ 3960 m  
A morning drive to the highest Mt. Everest (29000 ft) and KATHMANDU. From the top of the highest mountain of the TANGKANG LADAKHA. Overland in HANGKATOP (KATHMANDU).

**06 THE-FIX LHASA**  
13,000 ft/ 3960 m  
The first day of the expedition. From the top of the highest mountain of the TANGKANG LADAKHA. Overland in HANGKATOP (KATHMANDU).

**07 LHASA-KATHMANDU**  
13,000 ft/ 3960 m  
The last day of the expedition. From the top of the highest mountain of the TANGKANG LADAKHA. Overland in HANGKATOP (KATHMANDU).

We await your earliest reply.  
With best regards,  
Albert Warden  
GREEN HILL ROAD  
P.O. Box 5526, Kathmandu, Nepal. Tel: 414802/418304, Fax: 9771-4-414903, Telex: 97011 G3111 800

Itinerário antes da alteração



O lago Yamdrok e o teste de Rorschach

*Unem-se à luz do dia  
De noite apenas um dorme  
Alva brancura coroa agreste montanha  
O vizinho esbate-se no coral das águas  
São cisnes de encanto sagrado  
Salpicados de verde*

Acabáramos de almoçar em Quxu, pequena vila nas margens do rio Lhasa, onde os peixes são minúsculos por falta de oxigénio nas águas. Daí a nossa refeição ter constado, mais uma vez, de momos de iaque e sopa de alho... come-se muito pouco peixe por aquela paragens, como já padre António de Andrade escrevia nas suas cartas:

E, posto que nesta terra não haja peixe, nem ovos, nem ervas verdes, porque tudo está congelado, onde quer que há humidade algüa, nem outros legumes de grãos, lentilhas, etc., contudo usam nela secar os bredos quando a terra os dá, que é em tres ou quatro meses do ano, e nabos e guardam isto seco pera o tempo dos frios;

Apenas percorrermos 50km desde Lhasa, mas um autocarro avariado no meio da Estrada da Amizade (Friendship Hiway), que liga a China ao Nepal, atrasara o programa e o almoço programado para Nagarge. Seguíamos para Gyantze num percurso de 260 km desde Lhasa, depois de atingirmos os 5000 metros de Kambala e Passes Karo, “admirando e absorvendo a fresca beleza do Lago Yamdrok”, conforme constava do itinerário.

Violeta, enquanto ondulava desajeitadamente o corpo magro e as mãos em oração agradeciam a graça, lembrou que já tinha escrito um texto para o jornal Alpujarras Hoy, onde notava que infelizmente nada no Pequeno Tibete se assemelhava às sagradas montanhas irmãs, onde o teste de Rorschach podia ser aplicado”. Seria apenas necessária uma caminhada de cerca de 10km!

Depois de percebermos a comparação, foi geral o interesse em que o “trekking” se realizasse: o mais velho francês encontrou forma de talvez induzir entusiasmo nos filhos, os japoneses saltaram como adolescentes entusiasmados, a nossa equipa apoiou! Eu encontrei contradição entre curiosidade e medo, muito desconfiado da precoce proposta.

Tinha razão: a visita ao lugar onde a vida se reflete no Lago Kongmu Co, adjacente ao enorme Lago Yamdrok, com mais de 72 km de comprimento, estava a dois dias e uma noite a pé entre vales e montanhas, subidas e descidas em locais isolados e portanto possivelmente perigosos para o meu segredo! Além de que eram mais duas jornadas antes de chegar ao de Tashilhunpo em Xigaze e entregar o Libreto!

O motorista achou pouca graça a essa alteração de planos, atrasaria o seu turno de 10 dias e seria mais uma noite fora de casa, além de que nunca gostou de dormidas ao relento. O guia que nos acompanhava “torceu o nariz” mas, após um

telefonema aos superiores informou, que “com um acerto no valor do contrato” se poderia fazer esse desvio ao roteiro inicial.

A camioneta iria seguindo a rota pela estrada principal, estacionando durante a noite a cerca de 1km de distancia de onde passássemos a noite. As tendas seriam carregadas num iaque, conduzido por um guia local. Seguiríamos de imediato para o Hotel Gyantse!

Assim aconteceu. Que podia fazer? Recusar-me a acompanhar o grupo ou “boicotar” a pequena expedição, eu que estava sempre pronto a alinhar em projetos imprevistos?

No Hotel Gyantse, edifício de dois andares que se estendia em fachadas de vermelho escuro e creme diante de um largo passeio onde passámos a noite, tudo foi tratado conforme o guia previra.

Ainda a bruma da madrugada envolvia a fortaleza construída no século XIV e que viria a acolher uma guarnição inglesa, quando partimos no autocarro para Nagarge, onde carregámos os mantimentos num vistoso e felpudo iaque, que nos auxiliaria a caminho das fraldas da montanha Tonang, onde iríamos acampar junto ao Kongmu Co, com os 7141 metros das Nojin Kangtsang ao fundo.

A má disposição, e mesmo algum receio, com que encarei a caminhada, foi gradualmente sendo dissipada pela beleza que nos rodeava. Na verdade até soube bem afastar-me das tendinhas cobertas de pano vermelho escuro onde taças e tacinhas, pequenas estatuetas e diversos ornamentos atraíam turistas de lenço na boca para se protegerem dos escapes fumarentos e do forte vento que também fustigava milhares de pequenas e coloridas bandeiras em Passes Karo, a mais de 4000 metros de altitude. A discussão dos preços era abafada pelas rajadas de um vento frio e arenoso que fazia tilintar as etéreas malgas tibetanas, muitas vezes utilizadas como

instrumentos musicais, tudo enrolado em sons de motores de automóveis e camionetas, que a cada minuto ia imergindo num silêncio que finalmente combinava com o lago turquesa que se alargava diante dos nossos olhos.

Não seguíamos qualquer estrada, atalhávamos vagorosamente entre oceanos de pequenas flores amarelas e brancas (que a Zélia ia colhendo sorrindo), como se passeássemos num imenso jardim. Por vezes, entre pequenas colinas, surgia ao longe a estrada sinuosa que ultrapassava Kamba La, por onde deslizavam dezenas de viaturas que ligavam Lhasa a Gyantse. A trupe seguia em fila, num ritmo lento e cadenciado que se cruzava com as passadas do animal e os clips da máquina fotográfica da Fernanda, enquanto o Pedro filmava o nosso cansaço nos poucos e leves declives a vencer. Tudo estava a correr sem sobressaltos, os jovens franceses trocavam breves apreciações com Violeta e as já companheiras Rute e Rosa, os japoneses, munidos das suas bengalas de montanha, projectavam sombras que se multiplicavam com a do iaque, criando silhuetas que pulavam entre a colorida vegetação. O sol estava morno, indolente, e a rota abrigava do vento.

Bob, o mais ofegante da equipa, apercebendo-se das minhas reticências à caminhada, de novo me agradeceu não ter “vetado” o projecto, nada eu adiantando, claro, sobre a verdadeira causa da hesitação.

Estávamos perante um dos lagos sagrados do Tibete, margens salpicadas de pequenos templos budistas onde monges lançam preces hipnóticas que pairam entre as montanhas. Numa pequena colina encontrámos Samding, que ao longe parece um castelo, um dos únicos mosteiros tibetanos que aceita homens e mulheres. A visita foi rápida, pois monges e monjas preparavam, atarefados, o grande ritual budista de Maio onde se celebra a sabedoria de Yamântaka.

Não chegámos a entender perfeitamente o que tal significa, mas talvez não difira muito da descrição de António de Andrade:

Porém, os mesmos tibetenses têm algüas cousas que parecem bem fora de proposito e muito semelhantes às dos outros gentios, como a seguinte. Todos os meses se ajuntam os lamas no primeiro dia, e depois de estarem a maior parte do dia cantando a seus instrumentos, ordenam üa procissão em que levam muitas bandeiras, tambores, trombetasi e eles assi ordenados, cantando ao som de seus instrumentos, saem pela cidade fora, indo no meio desta procissão tres figuras horrendas dos diabos.

Na altura, veio-me à cabeça um dos livros que levava na mochila, “Horizonte Perdido” de James Hilton, que assim descrevia a aparição de Shangri-la:

A marcha produzia uma tranquilidade de espírito quase extática, os pulmões, deixando de funcionar automáticos e ignorados, disciplinavam-se de maneira a harmonizar-se com o espírito e as pernas. Todo o corpo movia no ritmo único da respiração do andar e do pensamento...era, na verdade, um espectáculo estranho, quase inacreditável. Um grupo de pavilhões coloridos pendurava-se na encosta da montanha, sem aquela sóbria resolução dos castelos do Reno, antes com a delicadeza aventureira de pétalas de flor encravadas num penhasco.

Já quando compridos raios de sol pintavam a neve mais resistente como delicadas aguarelas, num silêncio profundo e constante montámos as tendas, como se não ousássemos perturbar o sagrado sossego. Do oxigénio rarefeito nascia uma atmosfera que pesava nos corpos fatigados, empurrando a realidade e branqueando a mente. O vento acalmara como se quisesse colaborar com a branda plenitude do local.

Não falávamos, mas o que nos rodeava explicava os versos

Alva brancura coroa agreste montanha O  
vizinho esbate-se no coral das águas

Como se o reflexo das colinas na cristalina água do lago se tornassem borrões de tinta numa folha de papel, onde com o anoitecer se esbate a imagem flutuante.

Começava a sentir-me repousado, confiante numa noite sem sobressaltos, quando nos apercebemos, bem ao longe, de um troar que lembrava cavalgadas nos filmes do Oeste americano!

Duas raparigas e dois rapazes, com largos chapéus e faces rosadas, simpáticas, montados em cavalitos de onde pendiam garridas sacolas, aproximaram-se do acampamento e num quase indecifrável inglês anunciaram que iriam partilhar bebidas e comida com os “amigos estrangeiros”. Sem dar tempo a qualquer réplica da nossa parte desmontaram e instalaram-se em torno do fogão a gás, onde preparávamos um estofado de carneiro que guarneceríamos com chouriço e carnes secas variadas.

Vestiam roupas ocidentais, elas com duas tranças decoradas com argolas que se estendiam até aos casacos de pele de carneiro, eles de calças grossas e camisolas de lã com riscas horizontais. Perante a surpresa geral, inclusive dos guias, pela inesperada aparição, afirmaram ser costume conviverem com turistas que ali acampavam e que nos dariam a conhecer petiscos locais. A conversa ia sendo traduzida pelo guia chinês, uma vez que o condutor do iaque só falava tibetano. Riam-se muito, brindavam com frequência a tudo e a nada, até dançaram ao ritmo de um pequeno tambor. Tentavam criar ambiente agradável, tudo parecia natural e seguro, mas a alteração da quietude que o lugar pedia não agradou a quase ninguém, apenas o trio francês e, num sorriso desmaiado, o casal japonês, colaboravam na alegria.

Comecei a ficar seriamente preocupado quando o efeito do vinho destilado de cevada tornou um dos visitantes mais agressivo, insistindo de forma muito veemente a que os

acompanhássemos a uma quinta perto (“*my farm very nice*”), no que foi apoiado pelos parceiros, com as patuscas meninas a derramarem olhares prometedores.

Felizmente todo o grupo me acompanhava na rejeição de tal hipótese, mas as justificações não convenciam e a persistência na recusa cada vez mais irritava os já desesperados cavaleiros, que insistiam exaltados com os guias. O causador da desavença cambaleava, garrafa na mão, sem frio entre as fraldas da camisa esvoaçante, agora que o vento participava na cena.

“*Fiquem aqui, nós vamos carregar mais comida, bebida já chega, são só uns minutos, vamos trazer muitas surpresas*”, palavras que depois de traduzidas entendemos como mera desculpa para chamarem mais capangas, eu já assim os avaliava, prontos a roubar ou molestar, quem sabe em busca da minha encomenda, talvez mesmo contratados para tudo!

Mal desapareceram na noite, deixando o bêbado a roncar no chão, a deliberação foi célere e de novo unanime: carregar tudo no pobre iaque, não esperar um segundo, não arrumar nada, rapidamente partir em direcção à camioneta aos trambolhões, esbaforidos, sem olhar para trás, o ouvido temendo o troar de galopes de má memória!

Pernas como chumbo e fortes tonturas contribuíram para o silêncio que nos acompanhou até ao Hotel Gyantse, apenas o idoso par se desculpava, não faziam ideia do perigo, estavam excitados pela oferta do antigo patrão: uma viagem de sonho no Tibete, enquanto tratava da papelada para inaugurar o restaurante de sushi em Lhasa. Seria prémio pelos bons serviços prestados à empresa, e até lhes fornecera um livrinho turístico, insistindo para que não falhassem a visita às montanhas irmãs do lago Kongmu Co (e que não se esquecessem de trazer fotografias)...

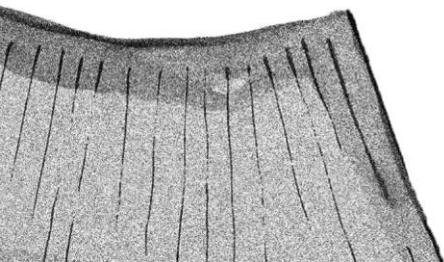
Teria esta desagradável peripécia acontecido por mero acaso ou fora planeada, com a conivência dos japoneses, para nos isolarem e conseguirem apoderar-se da minha encomenda, seja lá quem for? Mas a que propósito é que o gerente ou dono de um restaurante se poderia interessar pelo manuscrito musical?



Tudo preparado para atravessar os Himalaias: Joaquim, António, Rute, Pedro, Fernanda, Rosa e Zélia  
*fotografia de Zélia Pereira*



## *Capítulo 6* — **A entrega do Libreto**





Espalhava-se um formigueiro pelo corpo do monge curioso, à medida que se aproximava o momento de ter nas mãos e finalmente explorar o que Domingos de Macau escrevera e compusera! Ele era assim, a ansiedade dominava-o quando descobria um livro que há muito procurava e que se debruçava sobre assuntos que o apaixonavam, o mesmo quando se tratava de nova namorada, nisso já lá vão muitos anos, calcule-se quando a novidade tinha a ver com música! E mais ainda, sentia-se identificado com Domingos, como se de uma reencarnação se tratasse: Ele vivia no seu interior!

“Parto à aventura em busca de novos tangeres!” Domingos viajara ao futuro, para além das serras de Goa, Pemba viajava ao passado, para além do tempo, na escrita contida no Libreto!

A 8 de abril de 1996, numa pequena cela nas traseiras do templo Tashilhunpo em Xigaze, entreguei o documento e a missão ficou cumprida! Espero que Pemba tenha feito bom uso das anotações nessas folhas contidas.

Não mais ouvi falar dele.

A cerimónia decorreu sem qualquer solenidade, apenas um passar de mão para mão, eu deseioso de me ver livre da encomenda, ele num estado de agitação interior extrema. Nem lhe contei que tinha ficado com uma cópia, o seu olhar era estranho, indecifrável, mais sequioso que contente. Não vi o seu companheiro Marco Alvarez nos cinco minutos em que estivemos juntos.

Depois do susto no acampamento, nada mais aconteceu que mereça ser contado. As despedidas, em Kathmandu, decorreram amistosas, trocámos contactos, Violeta sentia-se ainda mais apaixonada pelo budismo e cheia de projectos para

as suas Alpujarras, o casal japonês sublinhava que “viagem sem precalços não presta” e Bob, estafado mas feliz, desfrutava da conversa onde os filhos antecipavam exageros no relato dos perigos aos amigos.

Eram seis horas da tarde quando a carrinha nos depositou na Kathmandu Guest House, depois de ter deixado os outros parceiros em diversos hotéis. Descarregadas as mochilas cada um recolheu ao seu quarto, foram breves os abraços a António que nos esperava sorridente! Todos tínhamos a noção de que fora uma viagem importante, mesmo inesquecível, mas foram muitos dias em que faltou privacidade, precisávamos de um bom banho e algum tempo para reencontrar o nosso espaço interior.

António, pelo contrário, queria saber tudo, contei-lhe por alto o que acontecera, ele nada tinha descoberto na estadia em Kathmandu. Fiquei com a ideia de que essa sua sensação de abandono se manteve nos cinco dias em que esperámos pelo voo para Macau, até porque eu próprio precisava de tentar entender o que de facto se passara, ligar fios que trouxessem alguma lógica a todo aquele emaranhado de acontecimentos, incluindo o desconcertante encontro com Pemba, não me saía da cabeça a forma quase simbolicamente extática como ele recebera o Libreto! Alguns personagens surgiam mas nada parecia fazer sentido! Certo é que tinha a sensação de que havia japoneses a mais em toda aquela história!

O tempo foi passando e esta confusa novela quase se evaporou “entre as brumas da memória”. Apenas muitos anos depois encontrei alguma luz nas sombras desse labirinto.

~

Disse e escrevi o que vi e não o que imaginei, a história parece mal contada mas foi tudo assim, “sem tirar nem pôr”! Estávamos em 2016, vinte anos depois da entrega do sublime manuscrito. Mais quatro anos ficou a verdade guardada na gaveta, esperando que os meus escritos sobre Angola e Goa se despachassem.

*Lisboa, janeiro de 2020*

## *Epílogo*

Há tanta coisa que não contaste!

Pela primeira vez, mais de vinte anos depois, o grupo voltou a reunir-se, ainda mal refeito com o pasmo da verdade sobre aqueles dias, agora que sabiam o que de facto se passara! Tinham lido o mono, a pre-publicação do texto, para darem opinião antes da publicação definitiva. E todos gostaram das maquetes dos temas musicais que, num disco, acompanhariam o livro, interpretando o Libreto de Domingos de Macau!

Mas era Pedro o mais enfunado, mesmo ofendido, “*afinal íamos em busca do Shangri-la com uma missão misteriosa pelo meio e não sabíamos, podíamos ter ajudado, fizeram de nós uns totós! Ainda por cima aconteceram-me coisas em Kathmandu que talvez ajudassem à solução desta confusão!*”

Gradualmente a censura foi transitando para as lacunas do texto, mal referes a minha semana em Kathmandu, o meu Shangri-la foram 1000 HK\$ no bolso, duas tshirts, duas cuecas e duas peúgas à espera de voo para Macau, um sofá no hall duma guest house perdida e a menina Rute na boa! E podias ter falado na doida condução do *driver* da camioneta e da fuga de óleo, lembram-se, vá lá, o primeiro hotel ainda tinha água quente! Nem me fales nisso, arrepiou-se a Rute, era um frio horrível na cabana de pedra, o único aquecimento eram montes de cobertores de pele de iaque, sempre que mediamos a temperatura estavam menos oito graus, não exageres, ripostou a Rosa, só foi uma noite, de resto aguentava-se, senti-me tão bem!, nunca desfiz as tranças nem tirei a roupa e mesmo as botas só para dormir, dei-lhes destino

há muito pouco tempo, já não me serviam mas parece que faziam parte de mim, a porta fechava (não fechava, encostava) com um pau a fazer de alavanca, um dia, bem no meio dos Himalaias, um nevão gigante e o nosso querido motorista perdeu o trilho, a neve era alta e uniforme, o parvo do guia chinês arma-se em salvador da pátria, talvez sentisse a animosidade e quisesse agradar, saiu da camionete para ir ver onde estava a estrada.... e afundou-se na neve, lembro-me que ri com vontade, rimos todos, a tal história de já não o podermos ver, o Joaquim e mais alguém foram em seu socorro, eu tinha uma reserva de comida de loucos que nunca foi preciso e que acabou por ficar na fronteira distribuída aos que nos apoiaram nesse filme, os animais nos mosteiros, os cães reencarnação de monges menos bem comportados; e o cheiro a gasolina que nos acompanhou porque se despejou um dos depósitos de gasóleo que levávamos na camioneta, e a discoteca que se “inclinava pelo peso das luzes, do barulho e da bebida” na íngreme descida para a fronteira no Nepal?, agora era a Zélia, a Fernanda o que mais lamentava foi terem sido incluídas tão poucas fotografias, até há uma com aquela cena dos miúdos lá em cima a 5000 metros a gritarem Viva Portugal!, industriados pelo Pedro!

António, hoje dedicado ao ensino universitário para a terceira idade, comparou a alegria da nossa partida de Lhasa com a frustração que sentia em ter de fazer a viagem de avião sem pisar os Himalaias e com a tarefa a que se propusera pela metade! Confirmou, triste, que o nosso cansaço e “barriga cheia” impediu que o acompanhássemos em mais visitas nos 4 ou 5 dias que ainda ficámos em Kathmandu, antes de voltarmos a Macau,

*“Ali eu achava-me quase sozinho e bastante desagregado! Revi isto nos meus apontamentos. Entretanto, recordo-me que, quando passávamos juntos, em visita a pé, por vários pontos da cidade de Kathmandu, à noite, escutávamos um grupo de actores no caminho, muito interessante, mas decerto era toda meio religiosa, já que, em Kathmandu, e sobretudo em Lhasa, muito estava ligado ao budismo tibetano. Quando estive em 1995, com o Jorge Cavalleiro, num retiro budista na Tailândia, aqui sim, ouvi e participei em muitos hinos budistas, pois que foi um retiro de dez dias, para estrangeiros, com mais 3 dias, antes, num velho mosteiro anexo: Suham-Mok (jardim da libertação) - como vemos nos guias, em inglês. Isto, perto de Chaya (estação), na região do Suratani, retiro que se faz em todos os 10 primeiros dias de cada mês.”*

Claro que não ficou surpreendido com a leitura do livro, mas estranhou, estranhámos todos, quando lhes contei que depois de ter recebido a notificação da multinacional discográfica ligara para o templo de Tashilhunpo e fora informado de que há alguns anos Pemba partira para Goa e Malaca misteriosamente, iria vasculhar o rasto de um tal Domingos de Macau!

Na verdade, se Pedro mostrava alguma irritação pela omissão e António se sentia desiludido pelo resultado da missão, para o etnomusicólogo Rui Gouveia, também presente no jantar, o possível comportamento de Pemba era estranho, inesperado, não queria acreditar! Tinha ficado com boa impressão da sua agitação, compreendia quando o monge afirmava que “descobrir sons antigos é como destapar pedra para encontrar, por detrás dos séculos, pinturas ou outras artes

escondidas”. O que se teria passado para não avançar com o projecto de recriar o texto musical, como tinha sido acordado?

Será que se vendeu a uma multinacional, substituiu a música democrática pela música do lucro, ele a quem chamavam o místico comunista? Ou teria sido roubado? Quem tanto perseguiu António e seus companheiros teria conseguido apoderar-se do Libreto? Mas então porque partira Pemba para Goa, teria isso a ver com a misteriosa morte de Padre Andrade?

Sim, porque o jesuíta teve um fim de vida nunca completamente explicado, teria sido envenenado, não se sabe bem por quem, algum tempo depois de ter sido nomeado Deputado da Santa Inquisição de Goa! Teria Domingos de Macau algo a ver com este funesto e obscuro fado?

Algum tempo depois da entrega recebeu notícias de Marco Alvarez, não tinha podido estar presente nesse dia (estava em Lhasa a renovar o visto de permanência) mas Pemba dissera-lhe que correra tudo bem, já estariam mesmo a estudar o processo criativo. Uns meses mais tarde Marco telefonara-lhe informando que voltara para a Venezuela, a comissão terminara inesperadamente, problemas com a renovação do visto. Soube que Pemba ficara doente, não voltou a ter qualquer outra notícia. Depois de ter dirigido um museu do teatro na Venezuela, Marco partiu para dirigir a secção internacional do Tsubouchi Memorial Theatre Museum da Universidade de Waseda em Tóquio, “uma oferta irrecusável”, segundo disse.

Acabada a bolsa sobre Camilo Pessanha Rui Gouveia voltara para Portugal, agora estava cansado das muitas tarefas a que se lançara, ele eram colaborações na rádio e televisão,

passando pela investigação universitária e tantas outras tarefas ligadas à música portuguesa em Portugal e no mundo, incluindo a edição de um jornal digital sobre música! Apetecia-lhe parar, tinha algum dinheiro de parte e gostava de viajar sem grandes custos, porque não tentar descobrir o que se passara, seguindo o rasto de Pemba?

Estava decidido: partiria para Goa, que sempre desejara conhecer, e se preciso for Malaca e outros locais ligados à presença portuguesa no Indico entrariam no programa, aproveitaria para visitar o Sri Lanka e Tugu na Indonésia. Sozinho, sem gastar muito dinheiro, ao seu ritmo, como várias outras viagens fizera (aliás, sempre gostou mais de partir que de chegar). Cumpria as 3 condições basilares para uma viagem assim: ter tempo, dinheiro, vontade!

Mas em Goa algo mais o chamava, algo o encantava em *Naté*, que conhecera em Macau, lendo *Os Signos da Ira*, de Orlando da Costa...

*Podia ser a cor de canela*

*Colorida pelo húmido perfume da pele Talvez os olhos como  
perfeitas amêndoas Protegidos por cílios sorridentes? Quem  
sabe se o meigo sorriso*

*Onde bailam pérola brancas...*

*Sim, tudo isso*

*Mas é o segredo da viagem*

*Que mais me prende*



*Anexo — O Libreto de Domingos de Macau*

## Notas prévias

1. O texto que se segue é a interpretação actualizada da narrativa de Domingos sobre a descoberta do seu paraíso perdido, do seu Shangri-la de sons e melodias, isto é, o que se conseguiu decifrar entre palavras incompreensíveis ou mesmo dissipadas pela passagem dos séculos, porventura redigidas de forma pouco erudita, com muitos termos populares já esquecidos ou mesmo, quem sabe, fabricados pelo próprio autor. Acresce que quem clarificou o enigma não era especialista de grafologia ou matéria afim...

Na primeira página, como se dum relatório se tratasse, possivelmente seguindo concelho do patrono, aparece:

*Trova do que vi e principalmente ouvi no Novo descobrimento de gram Cataio ou reinos do Tibete, com partida de Goa e passagem pelo Hindustão, pelo moço Domingos de Macau, criado de Padre António de Andrade, da Companhia de Jesus, e de outros caminhantes pelos caminhos da terra e do mar. Com todas as licenças necessárias, salvo as que não me foram ofertadas. Em Goa, Ano de 1660.*

Começa por afirmar, em notas à margem que não incluímos, que chegou a pensar comprar os instrumentos que foi descobrindo, mas tal era a quantidade e careza que desistiu. Passou a descrever no papel os sons que imitiam, mencionando o nome do instrumento: citara: sons dedilhados..., etc, que completava com a memorização dos mesmos. E tinha uma técnica: absorvia essa informação ligando-a a cheiros, imagens, sabores e assim, sempre que

desejava lembrar-se de algum timbre ou melodia, caminhava por essas reminiscências paralelas até alcançar o objectivo.

Numa dessas notas marginais adverte, enigmaticamente, que não pode esquecer a desilusão que lhe causou a acção como Deputado da Inquisição de Goa do Padre Jesuíta António de Andrade, severo e cruel...

Trata-se de o que hoje se designaria uma pequena opereta em 3 actos, que inclui composições sobre Goa, Agra e Tibete, além de algumas referências a temas chineses que ouvia em Macau enquanto adolescente. Considerando que, tudo o indica, Domingos não sabia notação musical, a estrutura de cada tema é explicado por palavras, o que naturalmente obriga a alguma imaginação por parte de quem desejar “escutar” a obra.

Cada tema é enquadrado e terá sido encenado como se de uma viagem se tratasse, quem sabe até tenha sido representado como tal. Para tornar a narrativa mais compreensível, dadas as dificuldades a cima referidas, acrescentámos alguns excertos da nossa autoria (ou retirados de outros autores) e disso assumimos total responsabilidade, todos devidamente identificados. Também identificámos varias menções de Domingos a cartas de jesuítas e textos de outros exploradores, sem dúvida por ter tido acesso ao seu conteúdo.

Embora a viagem seja apresentada como acompanhando o jesuíta António de Andrade, a verdade é que aparecem referências e acontecimentos de outras andanças, que viveu ou ouviu contar.

2. Os temas musicais apresentados são uma mera interpretação das indicações de Domingos de Macau no seu

Libreto. Não se trata da reprodução fiel do seu projecto, mas tentámos encontrar os seus desígnios musicais.

*Trova do que vi e principalmente ouvi no Novo descobrimento de gram Cataio ou reinos do Tibete, com partida de Goa e passagem pelo Hindustão, pelo moço Domingos de Macau, criado de Padre António de Andrade, da Companhia de Jesus, e de outros caminhantes pelos caminhos da terra e do mar. Com todas as licenças necessárias, salvo as que não me foram ofertadas. Em Goa, Ano de 1660.*

Vivo em Goa e aos domingos não deixo de ir ao Colégio de Goa assistir a missas cantada pelos meninos, que também maravilham quem assiste ao Festival das Flores, vestidos de anjinhos, na procissão que os leva a depositar flores na estátua de Mãe Maria. O som melancólico do órgão acompanha estas festividades, mas este aparelho atinge o sublime quando se entrelaça com o violino, flautas e a vihuela ao colorir grandioso oratórios! Não poderei perder os sete coros que interpretarão o oratório de Giacomo Carissimi marcado para o próximo ano de 1663 aqui em Goa! Até às festas profanas eu não falto, sejam bailes ou chacotas!

Mas nestas terras é junto aos templos hindus que estremeço ao ouvir tangeres de outras cores, onde se misturam risos de mulheres com danças que sobem pelo meu corpo como cobra ondulante!

Parto à aventura, em busca de novos tangeres  
!

Tema 1: Trova à minha morada em Goa  
(Mistério)

Da minha janela olho o Mandovi e medito sobre o poder da música, que mesmo impura nos pode enfeitiçar...

Moro com vista para o Mandovi, enquanto preparo meu alforge sou de novo invadido pela contradição, que vou tentar resolver, entre profano e religioso feito música. O meu Deus é invocado pelo canto dos meninos do Colégio de Goa, aos Domingos e em dia de festa, e pelos poucos órgãos nas missões. O Deus cristão abençoa o eco que me chega do órgão da capela do Convento de São Francisco de Assis e da sua pequena sineira, enquanto que a divindade hindu me enfeitiça com saltitantes decknnis das bailadeiras, música já mestiçada, apesar das proibições da Inquisição. Tenho amigos cristãos que não resistem e mandam aprender seus filhos a bailar, tanger e até cantar com os chamados enfieis...

Sei bem que a música, principalmente a dos gentios, pouco valor encerra para os irmãos jesuitas, seja porque são pouco letrados nessa arte, seja porque consideram toda a lírica não cristã como bárbara! Mas isso só me deu mais forças para avançar neste sonho!

Quero que a oração do órgão seja gradualmente rodeado pela dança do decknni, que depois será salpicado com a flauta e o violino cristãos entoando, como que para o purificar, a melodia inicial. Também quero sensuais vozes das bailadeiras, clamando seus sagrados desejos. E deverá distinguir-se o toque desse instrumento tipicamente goês, o gumatt.

Tema 2: Na corte do Rei Aquebar (Nina Boboi)

Viagem para Agra. Com todo o segredo possível nos partimos da cidade de Deli. Chego ao Hindustão: pasmo com esplendor desta terra de

tantas culturas, onde se debatem ideias e se aceita a novidade!

O instrumento que mais me fascinou foi o tanpura, som monocórdico, eterno, constante, hipnótico que, consoante o acorde que cria, define a cor, sabor e textura do tema (eles chamam-lhes ragas). Um apreciador indiano de música clássica sentirá até o cheiro da terra molhada pela chuva ao ouvir o Raga Megh Malhar das monções. O perfume das flores e o alegre ar primaveril surgirão às primeiras notas do Raga Basant. Sei ser instrumento recente, surgido por aqui há pouco mais de 100 anos. Também gostei da Flauta ney: "Dizem que o nay é como o corpo humano, ou seja, precisa ter um sopro que o faça manter a vida"... mas não é assim tão diferente das de bambu que ouvia em Macau. Seguindo a evolução normal de um tema do Hindustão (Alapa), concebo que um:

Som mágico da tanpura nos prepare para a levitação, surgindo pouco depois voz feminina entoando velha cantiga de embalar que minha mãe terá ouvido em Malaca com laivos do Hindustão para nos elevar ao sublime, enquanto as tablas ornamentam com ritmo a melodia. Caberá às teclas, talvez ao órgão de som simples, profundo, dar toque cristão. Talvez este meu tanger empreste um pouco de harmonia a esta musica misteriosamente bela!

**Nota:** Nina Bobo é tema considerado de proveniência Indonésia ou mesmo holandesa, mas na verdade a sua origem perde-se no tempo em que nasceu a comunidade de Kampung Tugu, descendentes de portugueses do século XVII. São imensas as versões desta cantiga, quer na letra quer na

melodia, optámos pela que considerámos melhor se adaptava à nossa leitura harmónica.

Tema 3: Tibete (Óm máni patmeónri)

Na maior agrura terrestre, será que o criador aqui colocou Shambala, o Paraíso? Ou deveremos encontrá-lo dentro de cada um, na procura do que mais nos apaixona? Aqui é que a paisagem se tornou tremenda! Chegada a Chaparangué. Estaremos no reino sagrado dos budistas? As longas discussões de Padre Andrade com o rei do Tibete davam-me tempo para criar músicas na minha cabeça.

Nota: no relato que se segue facilmente se descobre que foi elaborado com base nos textos das cartas de António de Andrade e outros padres jesuítas. Mantivemos a versão original, com acrescentos que nos pareceram ajudar à compreensão do texto e dos objectivos do autor.

Cantam a nosso modo suavemente, como cantochão entre nós. Porém, os mesmos tibetenses têm algas cousas que parecem bem fora de proposito e muito semelhantes às dos outros gentios, como as seguintes.

Todos os meses se ajuntam os lamas no primeiro dia, e depois de estarem a maior parte do dia cantando a seus instrumentos, ordenam ùa procissão em que levam muitas bandeiras, tambores, trombetasi e eles assi ordenados, cantando ao som de seus instrumentos, saem pela cidade fora, indo no meio desta procissão tres figuras horrendas dos diabos, repetindo por muitas vezes estas palavras "Sango, sango". Muitas vezes, ao rezar, costumam a tanger com

trombetas de metal, mas entre elas usam cada dia de outras feitas de braços e pernas de homens mortos, agarrando caveiras.

Os lamas vão repetindo "Óm máni patmeónri". Perguntei que queria dizer este: "Óm máni patmeó- nri". Ninguém soube, só dizem que são palavras de Deus e, sem duvida, ou não têm sentido algum, ou totalmente o não sabem. Então aproveitei: . "Pois como assim rezais como papagaios sem saberdes o que dizeis? Ora, já que não sabeis, eu vo-lo direi: "Óm máni patmeónri", quer dizer (Senhor, per- doai-me meus pecados) e, quando as disserdes seja sempre neste sentido, e com esta consideração".

Todos os dias cantamos na igreja a santa doutrina e se dizem as ladainhas em voz alta.

Padre António de Andrade passava longas horas a debater como o Rei em Chaparague, tentando a conversão. À noite, antes de deitar, contava-nos as conversas com o Rei, onde comparavam preceitos religiosos. E daí eu aproveitava o tempo livre para criar musicas na minha cabeça. Mas era gente estranha e dispersa nos gostos! O primitivismo contrastava com o canto monocórdico dos monges!

Imagino monges em prece ( o enigmático ritmo das vozes que ecoam nas montanhas é esquartejado por gritos do diabo e enfeitado por cânticos de fêmeas rosadas). O Óm máni patmeónri (ou Senhor, perdoai-me meus pecados) é escoltado pelas trombetas e tambores.



*Interpretação sonora actualizada do Libreto de  
Domingos de Macau e outras músicas*



Como vem relatado no Capítulo 4 do texto que acabaram de ler, foi no emaranhado bairro de Barkor el Lhasa, numa das ruelas que rodeiam o templo de Barkor Jampa Lhakhang, que o

Professor António Baptista me entregou as fotocópias do libreto de Domingos de Macau, declarando que eu poderia interpretar e apresentar o conteúdo publicamente da forma que entendesse, passados 20 anos da data em que Pemba recebesse o original.

E juntou com emoção:

“Pois vai conhecer o documento que, tudo o indica, seja a primeira manifestação musical da globalização: composições onde acordes de culturas diferentes se fundem, antecedendo em quase 400 anos o advento da World Music. Em 1780 surgiu algo semelhante em Calcutá, com intérpretes ingleses a glosar arranjos indianos com instrumentos ocidentais (designada por “Hindoostanie air and nautch music”), mas já quase 200 anos antes Domingos criara temas onde se juntavam ambiências ocidentais e orientais.”

Foi a essa empreitada que me lancei com o Enzo D’Áversa. São três temas que interpretam e actualizam a narrativa de Domingos sobre a descoberta do seu paraíso perdido, do seu Shangri-la de sons e melodias. Pelo menos, como já referimos ao transcrever o Libreto, o que se conseguiu decifrar entre palavras incompreensíveis ou mesmo dissipadas pela passagem dos séculos, porventura redigidas de forma pouco erudita, com muitos termos populares já esquecidos ou mesmo, quem sabe, fabricados pelo próprio autor...

Tentámos colocar-nos na pele de Domingos de Macau, reencarnar a sua personalidade com base no que escreveu! Como também já referimos, não temos conhecimento de qualquer tentativa nesse sentido por parte de Pemba.

Terminada a tarefa, decidimos que se justificava alguma alusão musical, contemporânea, à viagem de 1996, pelo que resolvemos juntar três outras composições, que designámos por Lado B - Banda Sonora em Viagem (fragmentos). A ideia foi compor originais que, de alguma forma, encerrassem viagens a

passados distintos. A escolha como que brotou naturalmente dos arquivos do estúdio do Zé Pino, optando por produções que já nos ligavam ou passaram a ligar, mercê das novas versões agora criadas. No tema 1 deixamos o lado A ouvindo sons reais das ruas de Lhasa e do trajecto de camioneta para o Nepal.

Uma palavra final agradecendo a todos os músicos que aceitaram colaborar nesta viagem por sons de passados tão singulares e apaixonantes! E um grande abraço ao João Pedro Costa!

### **Lado A**

1. No primeiro tema, que designámos por Mistério (título do poema de Vimala Devi que pensámos enquadrar-se no espírito da música), optámos por utilizar um ritmo Decknni que, dentro do que é possível “adivinhar”, não estará longe dos Decknnis escutados no século XVII em Goa. Acresce que o próprio Domingos a este ritmo se refere no seu Libreto.

Como escreve a Dra. Susana Sardo em “A música Goesa - A Unidade de um repertório Plural”, ser “o Decknni considerado uma herança do hinduísmo... e ser designação frequentemente referida na epistomologia religiosa desde o século XVI”.

Hoje em dia ainda se mantêm danças e cantares tradicionais da comunidade católica de Goa, tanto em Portugal (grupos Ekvat e Surya, as PortuGuesas acompanhadas ao piano por Carlos Garcia, entre outros) como em Goa (o Grupo Gavana, embora já extinto, foi um marco para a manutenção dessa tradição; sublinhe-se que vários artistas cantam fado e outros géneros musicais ligados à presença cultural portuguesa), bem como em outros locais do mundo onde a diáspora goesa está presente).

2. O tema dois merece alguma reflexão, atendendo à circunstância de o termos conhecido como incluído no chamado estilo musical keroncong. Transcrevo parte de um texto que redigi em 2013 e que designei por “Indonésia: Banda sonora para uma presença oculta”:

*“If African-Americans could claim ownership of jazz, Jakartans of Portuguese descent in Kampung Tugu, Koja, North Jakarta could do the same for keroncong”*

Jakarta Post, Junho 2011

Numa viagem pela internet encontrei, um pouco por acaso, esta curiosa referência! Mas o que é isso de keroncong e que tem a ver com a longínqua presença portuguesa naquela região, de onde fomos “corridos” pelos holandeses em princípios do séc. XVII? E logo afirmado pelo Jakarta Post, jornal de referência da Indonésia, país com quem tivemos tantas tensões devido ao caso de Timor!

Resolvi aprofundar e descobri que a cena musical na Indonésia está “infestada com um vírus lusitano” que foi alastrando desde que Diogo Lopes de Sequeira desembarcou em Malaca no ano de 1509. Em breve nasceria mais uma mestiçagem, um sincretismo cultural que permaneceria até hoje principalmente através da música, que poderá inclusive ser considerada “a mais antiga forma híbrida de musica popular”, nas palavras do compositor e etnomusicólogo indonésio Ubiet em entrevista de 2007 ao Jakarta Post. O Keroncong original representa um caldo de sons portugueses e africanos trazidos nas naus e caravelas que se misturaram com vivências hindus e budistas que banhavam os grandes centros culturais que já então eram Java, Samatra e Bali. Gradualmente, como veremos, outros sons bem distintos foram alterando aquela síntese musical, o que se por uma lado pode ajudar a perceber a sua

persistência também merecerá reflexão quanto à força identitária que permanece.

Mais à frente são referidos diversos exemplos de temas Keroncong, entre eles Nina Boboi

Começarei por referir a cantiga de embalar muito antiga Nina Bóbó ou Nina Boboi ainda hoje muito ouvida por aquelas paragens, onde a palavra nina será uma adulteração de menina e bobo é o berço. Uma simples pesquisa na internet dar-nos-á uma imensidade de versões nos mais diversos estilos, propondo eu que para além da versão Kroncong pelos The Krontjong Minstrels (álbum) se ouça também o que poderemos chamar de versão original, cantada por Noel Félix, em Papiá Kristang de Malaca (Viagem dos Sons, compilação sobre Malaca “kantiga di padri Sa Chang”). Como curiosidade ouça-se também a versão “country” do holandês nascido em Java Ernst Jansz, a que chamou De Ballade Van Nina Bobo, que com os Doe Maar encontrou muito sucesso na Holanda durante os anos 80. Lembremos que alguma da musica keroncong desde há muito que é cantada em língua holandesa.

Os Krontjong Minstrels eram banda de suporte de George de Fretes - um nome importante, durante os anos 40 e 50, na introdução da musica do Hawaii na Indonésia - mas nesta versão de Nina Boboi mostram o som tradicional Kroncong, com o violino a acompanhar voz melodiosa e ritmo de cavaquinho bem marcado”.

Achámos que não desvirtuáramos a inspiração de Domingos se criássemos uma versão com influência indiana, até porque foi composta em pleno Hindustão.

Quanto à letra da cantiga, onde também a diversidade é muita, optámos por interpretar parte em língua da Indonésia e parte na versão de Papiá Kristang de Malaca enviada por

Philomena Agnes Singho, a meu pedido (ver imagem que juntamos).

3. No tema Óm Máni Patmeónri, que Domingos denominou simplesmente por Tibete, tentámos “desenhar” um dos casos mais curiosos das andanças referidas nas cartas de Domingos de Andrade, na sua tentativa de converter o Rei do Tibete, e que não terá passado despercebido a Domingos de Macau. Transcrevemos essa cena do Libreto, onde se realça o sentido de oportunidade do Jesuíta nascido em Oleiros:

Os lamas vão repetindo “Óm máni patmeónri”. Perguntei que queria dizer este: “Óm máni patmeónri”. Ninguém soube, só dizem que são palavras de Deus e, sem duvida, ou não têm sentido algum, ou totalmente o não sabem. Então aproveitei: . “Pois como assim rezais como papagaios sem saberdes o que dizeis? Ora, já que não sabeis, eu vo-lo direi: “Óm máni patmeónri”, quer dizer (Senhor, perdoai-me meus pecados) e, quando as disserdes seja sempre neste sentido, e com esta consideração”. O ouvinte que preste um pouco de atenção notará que, perto do final, nos apercebemos que Louis Santan Rodrigues aka Caetano, recita a ladainha “Senhor, perdoai-me meus pecados”...

## **Lado B**

### **1. Partimos para Gyantse**

Sons de rua trabalhados por Enzo D’Aversa, retirados de um filme gravado em VHS da viagem de 1996, fornecidos por Joaquim Correia e Fernanda Bragança Teixeira.

### **2. Singing and dancing**

Com base no original gravado num pequeno gravador de cassetes em 1966 ou 1967, numa das várias sessões em que eu, o Zé Pino e o Jaime nos divertíamos nas nossas casas no Bairro

Alvalade, em Luanda, preparámos uma versão com um som mais actual, embora letra, melodia e base instrumental tenham sido seguidas com fidelidade.

### 3. Saudades do Mussulo

Totalmente composta e interpretada pelo Zé Pino, este instrumental é bem demonstrativo da qualidade técnica e variadas influencias musicais do seu autor.



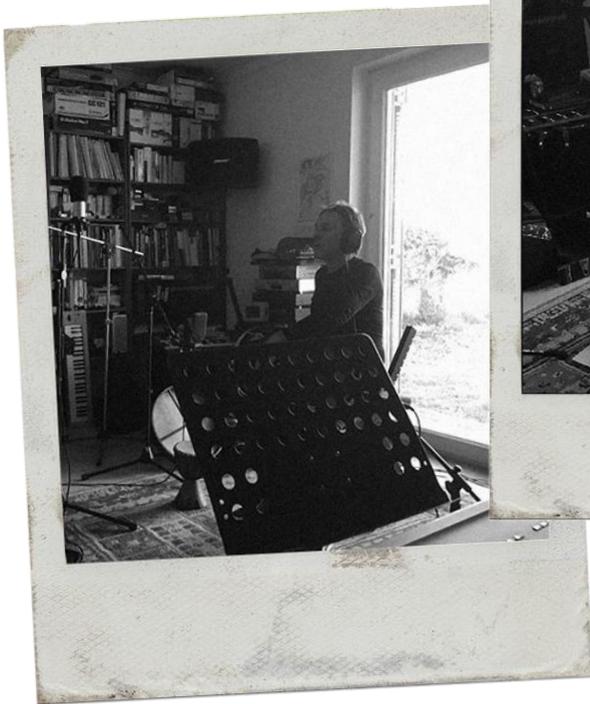
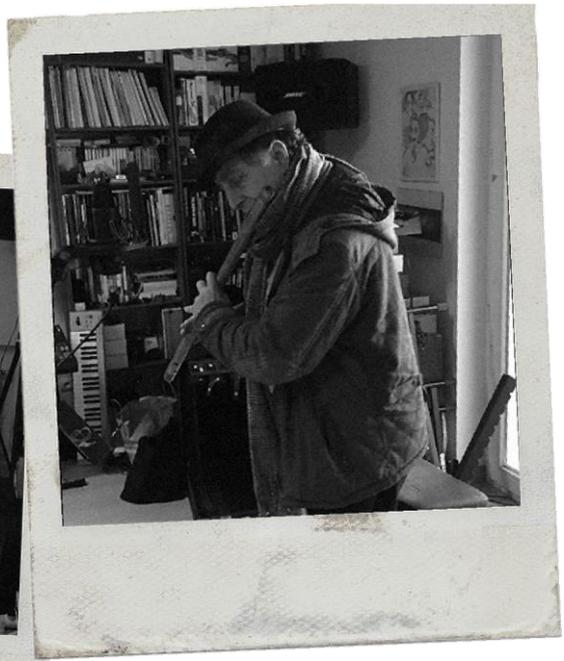
As Fenders do Zé Pino/ Enzo, Joaquim, e Zé Pino



Zé Pino, Enzo e Kiko



Earl Barthelot, Presidente dos Burgher Folks, morador em Tricomali, Sri Lanka: “Sentimos portugueses porque falamos o creoulo português, praticamos o catolicismo, a nossa culinária e as nossas danças e cantares têm raízes na cultura portuguesa. Nina Boboi, ou melodia semelhante, era, muito possivelmente, entoada às crianças pelos nossos antepassados.”



Enzo D'Averza/ Rão Kyao/ Ruca Rebordão/ Nuno Represas



Joan Fiwi/ Silvia Nazario

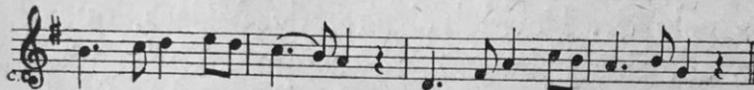


Philomena Singho, de Malaca, que enviou letra de Nina Boboi

## NINA, BOBOI, NINA



Ni - na boiboi Ni - na Ta - ta já bai rê - -de



Ja sque-cê ca - - ne - - ca Já mor-rê com se - -de

1

*Nina, boboi, Nina,  
Tata já bai rêdi,  
Já squecê caneca,  
Já morrê com sêdi.*

2

*Nina, boboi, Nina,  
Tata birá bem casa,  
Para tomá su caneca,  
Torná na mar com tristeza.*

3

*Nina, boboi, Nina,  
Na mar já ficá scuro,  
Santá Tata rezá  
Até tempo ficá claro.*

4

*Nina, boboi, Nina,  
Agora tem na mar fundo,  
Achá um bira-cabeça,  
Sentí tem na outro mundo.*

5

*Nina, boboi, Nina,  
Santá com mão na saco,  
Pulá unha grande pêci,  
Intrá tata sua barco.*

6

*Nina, boboi, Nina,  
Com muito alegria  
Pusá sua ancro,  
Já cabá pescaria.*

7

*Nina, boboi, Nina,  
Mulhér com lágri na ôlo,  
Santado na sua cama,  
Até já tomá sono.*

8

*Nina, boboi, Nina,  
Chomá mulhér, lebá praia,  
Por dá mostrá êsti pêci,  
Que éli já pegá.*

9

*Nina, boboi, Nina,  
Mulhér ficá grande espanto,  
Qui ora já olá êsti pêci,  
Ficá alegri más tanto.*

10

*Nina, boboi, Nina,  
Lantá êsti pêci grande,  
Chegá casa com cansado,  
Por dáli um pouco brandy*

11

*Nina, boboi, Nina,  
Santá dôs-dôs, querê comê,  
Mulhér com sua marido,  
Agora vivê muito bem.*

Gravado no Estúdio Goodie Goodie entre Outubro 2019 e Janeiro 2020

Narração: João Pedro Costa

Arte Gráfica: Francisca Lopes

## **Lado A**

*Libreto de Domingos de Macau*

Segundo interpretação de Joaquim Correia e Enzo

D´Aversa

Produção, mistura e arranjos de Enzo D´Aversa

### **Tema 1: Mistério (Goa)**

Enzo D´Aversa, Joaquim Correia

Orgão: Enzo D´Aversa

Guitarra: José Pino

Flauta: Rao Kyao

Percussões: Ruca Rebordão

Poema de Vimala Devi (publicado em Surya, 1962) dito por

Joan Fiwi

### **Tema 2: Nina Boboi**

Kantiga Tradicional de Malaca, divulgada por Noel Felix

Teclados: Enzo D´Aversa

Tablas: Nuno Represas

Voz: Silvia Nazário

### **Tema 3: Óm Máni Patmeónri**

Enzo D´Aversa

Teclados/ Sonoplastia: Enzo D´Aversa Guitarra: José

Pino

## **Lado B**

*Banda Sonora em Viagem (fragmentos de 1996)*

### **Tema 1: Partimos para Gyantse**

Sons de rua produzidos a partir de material fornecido por Joaquim Correia e Fernanda Bragança Teixeira

## **Tema 2: Singing and Dancing**

José Pino, Joaquim Correia

Produção e arranjos José Pino, a partir de tema composto em Luanda no ano de 1967 por José Pino e Joaquim Correia (com a colaboração de Jaime Mendo)

Guitarras, Baixo e programação de Bateria: José Pino

Voz: Joaquim Correia

Teclas: Enzo D ´Aversa

## **Tema 3: Saudades do Mussulo**

Produção e arranjos José Pino, a partir de tema composto em 2009 por José Pino

**EXPEDIÇÃO AO TIBETE**  
com música na bagagem

**Autor:** Joaquim Correia

**EDITORA DIGITAL**  
**"ÁGUA PRECIOSA"**

Telefone: 923 407 949

**Projecto gráfico**  
Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a  
**Joaquim Correia**

Este E-book está protegido por  
Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e "**PALOP**"

=====

"**CPLP**" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA  
"**SADC**" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL  
"**PALOP**" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.  
Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que  
Seja dado crédito aos autores originais –

*Não é permitido modificar esta obra.*

*Não pode fazer uso comercial desta obra.*

*Não pode criar obras derivadas.*

A responsabilidade  
Pelos textos, músicas e imagens  
É exclusivamente do Autor.



Domingos de Macau, moço criado do Padre Jesuíta António de Andrade e de outros aventureiros da terra e do mar, compõe melodias que acompanham a maravilhosa e perigosa caminhada para o Tibete, com partida de Goa e passagem pelo Hindustão, nos alvares do século XVII. Nunca esquecendo as suas raízes culturais, depois de dedicar um tema a Goa, cidade onde reside, vai descrevendo a magia de sons que encontra na corte do Rei Aquebar e as estranhas preces do Tibete, onde pela primeira vez chegavam viajantes europeus.

Perdidos nas andanças das descobertas, essas composições, apresentadas em peça encenada como se de uma viagem se tratasse, são acidentalmente recuperados por Rui Gouveia, investigador musical que preparava um texto sobre “Música em Camilo Pessanha” na biblioteca do Leal Senado em Macau.

Consciente da preciosidade do documento, o investigador sabe que o seu amigo tibetano, monge num mosteiro no Tibete, poderia assim cumprir o sonho de criar uma orquestra juvenil, seguindo o modelo de El Sistema venezuelano! Encontrou quem, em segredo, empreendesse a viagem longe da cobiça e do lucro, mas nem tudo correu como esperava...